



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

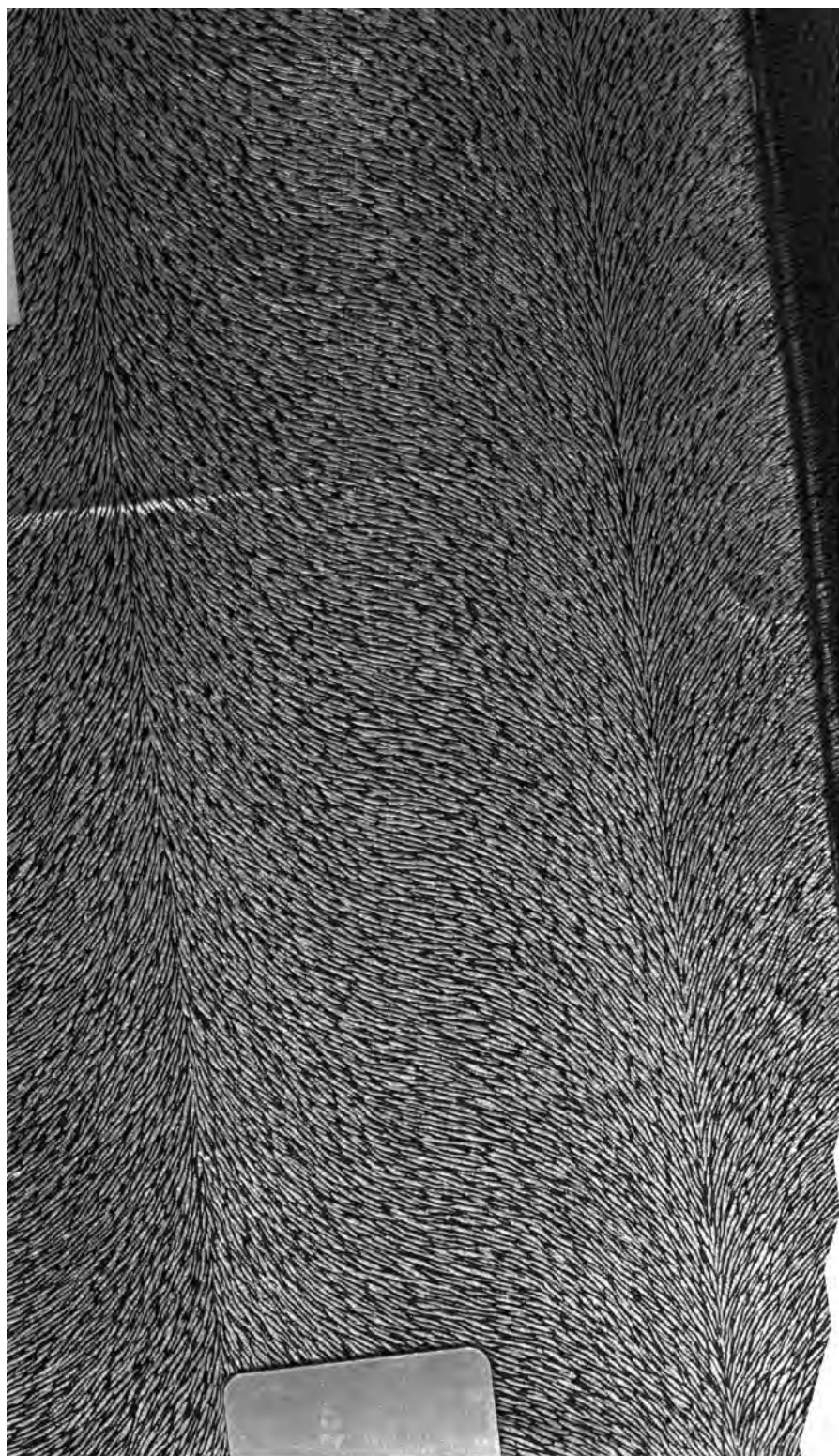
Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

B

859,793





PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

4 00.

DO MESMO AUCTOR :

Só (2.^a edição, illustrada), Paris, 1898.

NO PRÉLO :

PRIMEIROS VERSOS

Prefacio de Justino de Montalvão

D'este livro, publicado por Augusto Nobre, tiraram-se dois mil exemplares

Direitos reservados



Antonio Nobe



ANTONIO NOBRE

Despedidas

1895-1899

Prefacio de José Pereira de Sampaio (*Bruno*)

PORTO

1902

869.8
N752 da



13-374408

A fraterna piedade de Augusto Nobre e a saudade amiga de Justino de Montalvão honraram-me com o pedido comovente de algumas linhas que acompanhassem este volume posthumo. Tendo organizado a nota que precede os fragmentos, ao deante publicados, do poema *O Desejado*, hesitei grandemente em acquiescer á solicitação que refiro. Temi que malignas malevolencias acaso increpassem como de impertinente intromettimento essas linhas sinceras e innocentes. E ellas seriam, de facto, com severidade condemnaveis, desde que as dictassem pedantescas pretensões de recommendação ás delicadas leituras. O nôme do poeta não é sómente conhecido; está decisivamente consagrado. Um prosador incorrecto e secco não conseguiria senão tornar-se ridiculo, quando tam improcedente estímulo fôsse a impulsional-o.

Assim meditava e quasi me resolvia por uma polida es-cusa, que me magoaria aliaz; porém mais se radicou em meu animo o motivo antagonico que me convidara a ceder á captivante seducção do pedido, feito pelo irmão e pelo compa-nheiro.

Lembrava-me e lembrei-me de que fôra eu quem, sem sequer de vista o conhecer, apontou ao publico culto o original, promettedor talento d'aquelle moço ignorado então.

Concorrendo n'um effeito de beneficencia, apparecera no Porto um voluminho de versos, collaborado principalmente por academicos, sob o titulo generico e designativo de *Um*

bouquet de sonetos. Eu lêra as composições contidas na *sympathica collecção* e prestei preferente cuidado áquellas que a novos, sem notoriedade ainda, pertenciam. Entre essas, primordialmente sobresahia o soneto de Antonio Nobre, nôme que eu havia notado já, por subscrever, em revistas litterarias de collegiaes, infantilidades onde perpassava uma restea do fulgor divino. Fundára, por esse tempo, um diario de propaganda politica *A Discussão*; na secção litteraria da folha estampeí um artigo longo ácerca do opusculo que me attrahira o reparo; Gomes Leal replicou-me, com motivo d'algumas affirmativas minhas, concernentemente á fôrma e á essencia do genero artistico. E no modesto estudo com que momentaneamente quebrei, confugindo, a monotonia acre das acerbas recriminações partidariaias, indiquei o nôme do joven poeta, como o de alguém que tinha personalidade e viria a ser muito.

Veio, na verdade, a ser muito: tam fino, candidamente malicioso, dôce, ingenuo era seu temperamento; tam sincera sua tristeza; tam moderno seu gosto; tam nacionalista seu sentir, na patria e na familia; tam suggestiva sua imaginação, ardorosa e melancholica!

Ora, já quando, na jubilosa plenitude da consciencia esthetica, o escriptor preparava em Paris o original definitivo do seu volume *Só*, como quer que ao mesmo Paris, sceptico e arisco na banalidade d'uma affectuosidade de superficie, me atirasse uma onda centrifuga do atroz redomoinho, elle mostrou-me que não esquecera as palavras do jornalista portuense, as quaes só um merito possuiam, o de se haverem coadunado com o lealismo d'uma emoção espontanea. Na escura rua de Trévise me procurou, abandonando por horas a sua preferida margem-esquerda, de que lhe era tam penoso afastar-se, Antonio Nobre, uma tarde em que eu soffria cruelmente. Esta visita sensibilisou-me; como me en-

SONETOS

Logica

Ai d'aquelles que, um dia, depozeram
Firmes crenças n'um bem que lhes voou!
Ai dos que n'este mundo ainda esperam!
Terão a sorte de quem já esperou...

Ai dos pobrinhos, dos que já tiveram
Oiro e papeis que o vento lhes levou!
Ai dos que tem, que ainda não perderam,
Que amanhã, serão pobres como eu sou.

Ai dos que, hoje, amam e não são amados,
Que, algum dia, o serão, mas sem poder!
Ai dos que soffrem! ai dos desgraçados

Que, breve, não terão mais p'ra soffrer!
Ai dos que morrem, que lá vão levados!
Ai de nós que ainda temos de viver!

Pampilhoza, 1895.

Ao Cahir das Folhas

A MINHA IRMÃ MARIA DA GLORIA

Podessem suas mãos cobrir meu rosto,
Fechar-me os olhos e compôr-me o leito,
Quando, sequinho, as mãos em cruz no peito,
Eu me fôr viajar para o Sol-posto.

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com geito.
E eu tão feliz! por não estar affeito,
Hei-de sorrir, Senhor! quazi com gosto.

Até com gosto, sim! Que faz quem vive
Orpham de mimos, viuvo de esperanças,
Solteiro de venturas, que não tive?

Assim, irei dormir com as crianças
Quazi como ellas, quazi sem peccados...
E acabarão emfim os meus cuidados.

Clavadel, outubro, 1895.

3

À SUPERIORA D'UM CONVENTO DE PARIS

Não me esqueço de si, minha Mãe, fôra
Onde fôra. Ao contrario, lembro ás vezes
Essa viagem nossa (de ha alguns mezes)
Sobre as agoas do mar! Se fosse agora...

Oh o encanto da viagem seductora!
Que bem me disse então dos Portuguezes!
Que faria hoje! foram-se os revezes!
O que lá vae pela Africa, Senhora!

Depois, ao separarmo-nos no Tejo,
Disse-me (com que voz e com que modos!)
«Deus o faça feliz, ao seu desejo!»

Mas não fez, minha Mãe! Talvez no céu...
Porque afinal os homens quazi todos
Têm sido e são muito mais maus do que eu...

St. Johann Am-Platz, 1896.

4

Nossos amores foram desgraçados,
Desgraçada paixão! tristes amores!
Se Deus me dá assim tamanhas dores,
E' porque grandes são os meus peccados.

Quando virão os dias desejados?
Quando virá Maio para eu vêr flores?
Nunca mais! ainda bem, santos horrores!
Que os pobres dias meus estão contados.

Passo os dias mettido no meu moinho,
E mõe que mõe saudades e tristezas,
Moleiro que no mundo está sósinho.

Os lavradores destas redondezas
Queixam-se até de que a farinha á data
Tanta é que «está de rastos de barata...»

St. Johann Am-Platz, 1896.

5

Placidamente, bate-me no peito
Meu coração que tanto tem batido!
E para mim, inda este mundo é estreito
P'ra conter tudo, quanto eu hei soffrido.

Meus dias vão passando como as agoas
Que o vento leva em ondas, ao mar-alto,
E se de noite eu oiço aquellas mágoas
Já não descanso mais, em sobresalto.

Placidamente, bate-me no peito
Meu coração em luctas tão desfeito,
Que com a Vida, a Dôr hei confundido.

E se se ganha a Paz com o soffrimento,
Deixae-me entrar emfim n'esse Convento...
Pois ha quem tenha, assim como eu, soffrido!

Berne, maio, 1896.

Apparição

Á VIRGEM SANTÍSSIMA

Pelas espadas que tu tens no peito,
Pelos teus olhos rîxos de chorar,
Pelo manto que trazes de astros feito,
Por esse modo tão lindo de andar;

Por essa graça e esse suave geito,
Pelo sorriso (que é de sol e luar)
Por te ouvir assim sobre o meu leito,
Por essa voz, baixinho: «Ha-de sarar...»

Por tantas benções que eu sinto n'alma,
Quando chegando vens, assim tão calma,
Pela cinta que trazes, côr dos ceus:

Adivinhei teu nome, Apparição!
Pois consultando manso o coração
Senti dizer em mim «A Mãe de Deus!»

Lausanna, junho, 1896.

7

Todas as tardes, vou Léman acima
(E leve o tempo passa nessas tardes)
A pensar em Coimbra. Que saudades!
Diogo Bernardes deste meigo Lima.

Na solidão, pensar em ti, anima,
Oh Coimbra sem par, flôr das Cidades!
Os rapazes tão bons nessas idades
(Antes que a Vida ponha a mão em cima...)

Alegres cantam nos teus arrabaldes.
Por mais que tire vêm cheios os baldes,
Mar de recordações, poço sem fundo!

Freirinhas de Tentugal, passos lentos!
E o chá com bolos, dentro dos conventos!
Meu Deus! meu Deus! e eu sempre a errar no Mundo!

Lausanna, junho, 1896.

8

A MEU IRMÃO AUGUSTO

Léman azul, que, mudo e morto, jazes.
Quanto és feliz! assim podesse eu sel-o!
Nem a sombra dos montes, nem seu gêlo,
De turvar tuas agoas são capazes.

Minhas cartas inuteis de doutor
Eu rasgaria, é certo, com prazer,
Se eu podesse um dia vir a ser
D'essas ondas, um simples pescador.

Léman azul, nas agoas socegadas,
Quantas vidas tu levas confiadas!
Pareces vêr meu mal, e escarnecel-o!

Só do meu coração, ao alto-mar,
Ninguém se quiz ainda sujeitar.
Quanto és feliz! assim podesse eu sel-o!

Villeneuve, junho, 1896.

9

A JUSTINO DE MONTALVÃO

Em St. Maurice (aqui perto) ha um convento
De Franciscanos. Fui-me lá ha dias.
Quando eu entrei, tocava a Avè-Marias.
Iam ceiar. Fóra mugia o vento.

Um pallido Christo, ao fundo da sala,
Espalha em redor seu alvo clarão;
E, quando se reflecte a Cruz pelo chão,
Os frades ingenuos não ousam pisal-a.

«Meu irmão...» disseram, ao verem-me á porta.
Vontade, Senhor, tive eu de chorar!
Tão só me sentia, pela noite morta...

E quando na volta, á luz das estrellas,
Meu doido passado me vim a evocar,
Pensei no perdão d'uma alma d'aquellas.

Bex, junho, 1896.

IO

Senhora! a todas as novenas ides,
E porque vós lá ides, vou tambem.
É um descanço sem par ás minhas lides,
Aos meus males, e em summa faz-me bem.

Essas graças que tendes (vós sorrides?)
Só nas flôres as vejo, em mais ninguem.
Se o vosso corpo é magro como as vides,
Os cachos d'uvas que o cabello tem!

Fazeis-me andar n'uma continua roda,
Pelas igrejas da cidade toda,
S. Luiz de França, Encarnação e mais.

Senhora! assim commigo em beato dais,
Faço-me frade e vou para um convento...
E adeus! que lá se vae o cazamento!

Lisboa, janeiro, 1897.

II

Ha já duzentos soes, ha quatro luas,
Que te pedi que a Igreja abandonasses.
Tu és cruel, Senhora! continúas,
Como se agora apenas começasses.

Á sexta-feira e ao sabbado jejuas,
E tanto te pedi que não jejuasses.
E o que dóe mais, Senhora, é que insinuas
Em voz que tanto dóe: «Se me imitasses...»

Nenhuns peccadós tens. És anjo e santa.
Boa como o ceu, simples como a planta,
Cozes p'ros pobres, fazes boas-obras!

Quaes são os teus peccados? peccadores
Senhora! são os vossos confessores.
Homens e basta: são máos como as cobras!

Lisboa, 1897.

Monologo d'Outubro

A MEU IRMÃO AUGUSTO

Outomno, meu Outomno, ah! não te vás embora!
Às minhas, eu comparo as tuas extranhezas.
Ah! nos teus dias não ha Julhos nem aurora,
E só crepusculos... Crepusculos são tristezas!

E tu que já passaste o Outomno só commigo
Não pensas ao cahir de tantas agonias
Nas minhas, que tu sabes, ó meu melhor amigo?
Cahi, folhas, cahi! tombae melancholias!

Ides morrer, folhas! mas morrer que importa?
Lá vae mais uma... mal nasceu e já vae morta.
Levaes saudades? Coitadinha, sois tão nova!

Tendes razão? Nem sei a fallar a verdade.
Tombar quizera eu, só p'ra esquecer. Saudade,
Irmão, não a terei tambem, lá pela cova?...

Foz, 1897.

13

Pedi-te a fé, Senhor! pedi-te a graça,
Mas não te curvas nunca, p'ra me ouvir.
Tudo acaba no mundo... tudo passa,
Mas só meu mal se foi e torna a vir.

Não busco a morte com arma ou veneno,
Mas enfim póde vir quando quizer.
Eu estarei de pé, firme e sereno,
Sorrir-lhe-hei até, quando vier.

Tristes vaidades d'este pobre mundo!
Já me parecem taes como ellas são:
Tristes miserias deste mar sem fundo.

Se tive algumas eu, na mocidade,
Não foram ellas mais que uma illuzão.
E um dia eu ri da minha ingenuidade!

Lisboa, janeiro, 1898.

14

O mar que embala, ás noites, o teu somno
É o mesmo, flôr! que á noite embala o meu.
Mas em vão canta a minha ama do Outomno,
Pois pouco dorme quem muito soffreu.

Mas tu feliz qual rainha sobre o throno,
Dormes e sonhas... no que, bem sei eu!
O teu cabello solto ao abandono,
As mãos erguidas de fallar ao céo...

Feliz! feliz de ti, dôce Constança!
Reza por mim, na tua voz chymerica,
Uma Avè-Maria de Esperança!

Por minha saude e gloria (Deus m'a dê)
Por essa viagem que vou dar a America...
Quando, um dia, voltar, dir-te-ei porquê!

Ilha da Madeira, maio, 1898.

15

Mamã

Toda a Paz, todo o Amor, toda a Bondade,
Toda a Ternura que de ti me vêm,
Amparam-me esta triste mocidade
Como nos tempos em que tinha Mãe.

Quanto eu te devo! Odios, impiedade,
Indignações e raivas contra alguém,
Loucuras de rapaz, tedios, vaidade,
Tudo isso perdi—e ainda bem!

Salvaste-me! Trouxeste-me a Esperança!
Nunca m'a tires não, linda criança,
(Linda e tão boa não o farás, talvez!)

Pois que perder-te, meu amor, agora,
Ai que desgraça horrível! isso fôra
Perder a minha Mãe, segunda vez.

Ilha da Madeira, 1898.

16

Ha vinte annos já, que andas na Terra,
Ha vinte dias só, que te conheço!
Eu andava perdido pela serra,
E o que eu era então, já não pareço.

Ha vinte dias só que te conheço,
Ó meu beijo de Luz! minha Chymera!
És a Graça de Deus (com qu'estremeço)
Talvez, o que no mundo, inda me espera.

Sonho da minh'alma! Ó meu ceu d'estio!
Pois não tens piedade d'este frio
Que sinto em mim, na minha solidão!

Minha bençãam de Christo, promettida,
Não serás tu a Paz da minha vida?
Oh! não me digas não, que és Illuzão!

Quinta Almeida. Funchal, abril, 1898.

17

Riquinha

Soffrer callada as suas proprias dôres
E chorar como suas as dos mais,
Tal a Rainha do seu nome, em flôres
Transforma pedras e em sorrisos ais.

A toda a parte leva o sol e amores,
É a *Saude dos Enfermos* nos Cazaes;
E, no mar-alto, os velhos pescadores
Invocam-n'a entre espuma e temporaes!

Quem será ella, tão piedosa e dôce!
Com uns taes olhos que não tinha visto
Será a Virgem? Oxalá que fosse!

Oh! flôr mais bella do jardim d'esta Ilha!
Fôra outrora, talvez, filha de Christo,
Se Christo houvesse tido alguma filha!

Ilha da Madeira, 1898.

.18

O Teu Retrato

Deus fez a noite com o teu olhar,
Deus fez as ondas com os teus cabellos;
Com a tua coragem fez castellos
Que poz, como defeza, á beira-mar.

Com um sorriso teu, fez o luar
(Que é sorriso de noite, ao viandante)
E eu que andava pelo mundo, errante,
Já não ando perdido em alto-mar!

Do ceu de Portugal fez a tua alma!
E ao vêr-te sempre assim, tão pura e calma,
Da minha Noite, eu fiz a Claridade!

Ó meu anjo de luz e de esperança,
Será em ti afinal que descança
O triste fim da minha mocidade!

Ilha da Madeira, junho, 1898.

19

Sestança

Ia em meio da minha Mocidade,
Perdido d'afeições, ao vento agreste,
Quando na Vida tu me appareceste,
Sestança, minha Irmã da Caridade!

Ninguem de mim dó teve, nem piedade,
Ninguem n'a tinha, só tu a tiveste:
Quantas velas á Virgem accendeste!
Quantas rezas nos templos da cidade!

Que te fiz eu, Espelho das Mulheres!
Para assim merecer um tal cuidado
E tudo quanto ainda me fizeres?

Bemdito seja Deus que me escutou!
Bemdito seja o Pae que te ha procriado!
Bem dita seja a Mãe que te gerou!

Ilha da Madeira. Quinta da Saude, 29-7-1898.

Emilias

(A UMA SENHORA QUE NÃO QUER SER EMILIA)

Emilia és, quer queiras, ou não queiras :
Que lindo nome o teu, soante de brizas!
É um nome de pastoras e moleiras,
Loira morgada do solar dos Nizas!

Muitas Emilias ha, entre ceifeiras,
Ha Emilias nos serões das descamizas . . .
Se tu, Senhor! dás nome ás Amendoeiras
Com o nome de Emilia é que as baptizas!

Que Santa Emilia te acompanhe, Rainha!
E com a tua Mãe seja madrinha,
Quando ella, um dia, te levar á Igreja!

E, ó pura Gloria, que em teus olhos brilha!
Dôces presagios meus, que a tua filha
Seja loira tambem e Emilia seja!

Ilha da Madeira, novembro, 20, 1898.

21

O coração dos homens com a idade,
A pouco e pouco, vae arrefecendo...
Quão diversos me vão apparecendo
Do que eram ao abrir da mocidade!

O sorriso não tem já lealdade,
Lagrimas são difficeis... não as tendo.
Palavras não vos faltam, estou vendo
Mostrar o que sentis só por vaidade.

Já não me illude, a Gloria que sonhei.
Perdi a fé em tudo quanto amei.
Mas só agora, eu sei o que é viver!

Não fazes bem, assim, em rir de mim!
Tenho tido na vida horrores sem fim,
Mas só agora, eu sei o que é soffrer!

Ilha da Madeira, dezembro, 1898.

22

O Senhor, cuja Lei é sempre justa,
Deu-me uma infortunada mocidade,
Talvez para eu saber (o que é verdade)
Quanto é bom ser feliz, mas quanto custa!

Feliz de quem no mundo sem piedade,
Encontrou alma que lhe entenda a sua,
Que o mesmo é que ter na mão a Lua
Tão longe n'essa triste Eternidade!

Os meus dias passavam tristemente
Quando encontrei o teu olhar ridente:
Foi a bençãam de luz da Mãe de Deus!

Vaes deixar-me de novo, só na vida!
Ao cabo de viagem tão comprida
Talvez sintas mais perto os olhos meus!

Ilha da Madeira, janeiro de 1893.

23

Adeus a Constança

Vae o teu Pae andar ao sol de verão,
E mais á chuva e ao vento; e só depois
Poderá ter a colheita d'esse pão
Que semeou cantando ao pé dos bois.

Feliz que eu fui em te encontrar na vida,
Minha dôce Constança desejada!
Antes de vêr-te a ti não via nada,
Nem para mim a lua era nascida.

Tu vaes partir em breve com teu Pae
Por esse mar que tão piedozo está.
Não sêde amargas, ondas, mas choraê!

Vaes vêr campos em flôr que te conhecem...
E se a colheita se fizesse já,
Talvez na volta as ondas te trouxessem!

Ilha da Madeira, 1899.

Antes de partir

Varios Poetas vieram á Madeira
(Pela fama que tem) a ares do Mar:
Uns p'ra, breve, voltarem á lareira,
Outros, ai d'elles! para aqui ficar.

Esta ilha é Portugal, mesma é a bandeira,
Morrer n'esta ilha não deve custar,
Mas para mim sempre é terra estrangeira,
Á minha patria quero, emfim, voltar.

Ilhas amadas! Ceu cheio de luas!
Ah como é triste andar por essas ruas,
Pallido, de olhos grandes, a tossir!

Eu vou-me embora, adeus! mas volto a vê-las,
Vou com as ondas, voltarei com ellas,
Mas como ellas p'ra tornar a ir!

Ilha da Madeira, fevereiro, 1899.

25

Meu pobre amigo! Sempre silencioso!
Assim eu fui. Scismava, lia, lia...
Mudei no entanto de Philosophia.
Não creio em nada! e fui tão religioso!

Tomei parte no Exercito gloriozo
Que foi bater-se por Israel, um dia!
Cri no Amor, no Bem, na Virgem Maria,
Não creio em nada! tudo é mentirozo!

Não vale a pena amar e ser amado,
Nem ter filhos d'um seio de mulher
Que ainda nos vêm fazer mais desgraçado!

Não vale a pena um grande poeta ser,
Não vale a pena ser rei nem soldado
E venha a Morte, quando Deus quizer!

St. Johann-am-Platz, outubro, 1899.



OUTRAS POESIAS





A FRANCISCO CEZIMBRA

Eu chegara de França uns quatro dias antes
E via-me tão só n'um deserto sem fim,
Lá deixara a alegria, amores, estudantes,
Via a vida, aqui, negra adiante de mim.

Que havia de fazer? Eu não tinha um desejo,
Nada no mundo me podia estimular!
Ai quantas vezes, ao passar junto do Tejo,
Perdoa-me, Senhor! pensei em me afogar!

Perdoa-me, Senhor! tu deves perdoar
Pois para que me deste assim um coração!
Tudo quanto via me dava que scismar
De tudo tinha dó, de tudo compaixão.

Ó meus amigos de Coimbra! que saudades
Eu sentia ao pensar nos tempos d'illuzões!
Porque chamaria eu agora, só vaidades
Ao que outrora p'ra nós tinham sido visões?

E conheci depois a phase lastimoza
(Ó meus amigos certos, não m'a queiraes lembrar)
Em que descri de tudo, até da meiga roza
Que via entre velas, aos pés d'algum altar.

De tudo ri então, Senhor, como um perdido
Mas era um rizo mau, Francisco, que feria...
Tu cuja alma em flôr ainda me sorria
Como pudeste tu, meu rizo ter vencido?

1895.

Ladainha da Suissa

A MARTINHO DE BREDERODE

Quando cheguei aqui, dizia baixo o povo
Pelas ruas, vendo-me passar :
— Vem tão doentinho, olhae! e é ainda tão novo...
E assim sósinho, sem ninguem para o tratar!
(Que boa a Suissa! que bom é este povo !)

Raparigas de luar, pastoras d'estes Andes,
Diziam entre si: Quem será este senhor?
Todo de preto, tão pallido, olhos tão grandes!
E rezavam por mim, baixinho, com amor.
(Ó pastoras tão meigas d'estes Andes !)

Por fim entrei receoso em uma caza immensa
Com Jezus-Christo ao fundo e velas e alecrim.
Treme-me ainda hoje a minha alma se n'ella pensa :
Rezas... doentes... ais... corredores sem fim!...
(Ah que tristeza a d'essa caza immensa !)

No alto da escada umas Irmãs da Caridade
Vieram, a sorrir, perguntar: «Como vae?»
No olhar d'ellas (tão dôce!) havia tal bondade,
Que me julguei feliz, até sorrir, olhae!
(Minhas boas Irmãs da Caridade!)

Uma d'ellas guiou-me ao quarto onde a paysagem
Ante meus olhos se estendia e os deslumbrou...
— «E então como passou? Gostou da sua viagem?
E a Nossa-Suissa que tal acha, não gostou?»
(Ó Suissa da divina paysagem!)

Não me deixava com perguntas. Era Suissa
E não deixara nunca esta alva nação.
Ignorava o que era a Verdade, a Justiça:
Tudo n'ella era instincto, innocencia e perdão.
(Que ingenua és ainda, Suissa!)

—Vá, quero que me diga o seu nome, primeiro
E depois d'onde vem, quem é... pelo fallar...
—Venho da beira-mar, e sou um marinheiro.
E ella tornou-me: O mar! eu nunca vi o mar!
(Nos meus olhos o viste tu primeiro.)

Com que doçura, com que mimo e com que graça
Me arranjou tudo! Até meu leito quiz abrir.
E como uma ama diz ao menino que a enlaça,
Disse-me: «Boas noites. Faça por dormir!...»
(Ó Suissa cheia de graça!)

E eu assim fiz. Adormeci, feliz, sereno,
E no outro dia eu já estava melhor.
Passados trez, passei de pallido a moreno
Passado um mez, «não é nada» disse o doutor.
(Oh! quanto eu era então feliz, sereno!)

E a boa Irmã toda contente e dedicada
Que sempre estava á escuta em biquinhos de pé
— Vê, tantos sustos! e afinal não era nada!
E se elle disse «não é nada» é que não é!
(Ó boa Irmã, de voz tão delicada!)

Fallou verdade o bom doutor. Ergueu-se em breve
A minha doida mocidade arrependida.
Bemditos sejaes vós, Alpes cheios de neve!
Bemditos sejaes vós que me salvaste a vida!
(E o meu coração que dôce paz vos deve!)

Bem dita sejas tu, ó Suissa meiga e boa!
Gloriosa entre os mais povos, sê bem dita!
Bem dita sejas tu, de Christiania a Lisboa!
Bem dita sejas tu entre as nações, bem dita!
(Bem dita sejas, minha Suissa boa !)

Lausanna, 1896.

Confissão d'uma rapariga feia

(INCOMPLETA)

Ha raparigas n'este mundo,
Ha raparigas que são feias,
Mas nenhuma tanto como eu.
De mim tenho nojo profundo,
Ciumes do Sol, das luas cheias,
Que vão tão lindas pelo céu!

Nos arraiaes, nas romarias,
Adelaides, Joannas, Marias,
Todas tem par, mas menos eu.
Todas bailam, rindo e cantando,
E eu fico-me a olhal-as scismando
Na sorte que o Senhor me deu!

Se eu fosse cega ou aleijada,
Talvez ficasse resignada,
Porque havia de queixar-me eu?
Mas sendo sã, sendo perfeita
Tua vontade seja feita,
Senhor! é sorte, é fado meu!

.

Afirmações religiosas

Ó meus queridos! Ó meus S.^{tos} limoeiros!
Ó bons e simples padroeiros!
Santos da minha muita devoção!
Padres choupos! ó castanheiros!
Basta de livros, basta de livreiros!
Sinto-me farto de civilização!

Rezae por mim, ó minhas boas freiras
Rezae por mim escuras oliveiras
De Coimbra, em S.^{to} Antonio de Oliveas:
Tornae-me simples como eu era d'antes,
Sol de Junho queima as minhas estantes
Poupa-me a *Biblia*, Anthero... e pouco mais!

No mar da Vida cheia de perigos
Mais monstros ha, diziam os antigos,
Que lá nas agoas d'esse outro mar.
O que pensaes vós a respeito d'isto,
Ó navegantes d'esse mar de Christo!
Heroes, que tanto tendes que contar?

Chorae por mim, ó prantos dos salgueiros,
Pois entre os tristes eu sou dos primeiros!
Lamentos ao luar, dos pinheiraes,
E vós ó sombra triste das figueiras!
Chorae por mim ó flôr das amendoeiras
Chorae tambem ó verdes cannaviaes!

E quando emfim, já farto de soffrer
Eu um dia me fôr adormecer
Para onde ha paz, maior que n'um convento:
Cobri-me de vestes, ó folhas d'outomno,
Ai não me deixeis no meu abandono!
Chorae-me cyprestes, batidos do vento...

1897.

Ares da Andaluzia

Ó formoza Andaluzia!
Terra de Nossa Senhora!
Ó formoza Andaluzia
Onde o luar parece dia
Onde é dia a toda a hora!

Ai eu tenho sete muzas
Quaes d'ellas prefiro eu?
Ai eu tenho sete muzas,
Trez d'ellas são andaluzas
Porque as outras são do céo.

Malaga, terra de encantos,
Terra das vinhas doiradas!
Malaga, terra de encantos!
Igrejas cheias de Santos,
E Virgens cheias de espadas!

Vossa bocca tem desejos
Que a bocca das mais não tem...
Vossa bocca tem desejos
E já morria por beijos
No ventre da vossa mãe!

Ó meninas de Sevilha
Sou doente, vinde amparar-me,
Ó meninas de Sevilha
Deixae-me a vossa mantilha
Que eu não quero constipar-me!

Ó menina, olá, a mais alta
Porque foge e me olha assim?
Ó menina olá a mais alta,
Se a beleza não lhe falta,
Não julgue que é mais que a mim.

Ai esta Vida é tão curta!
Ai o Amor dura um instante,
Ai esta Vida é tão curta!
Dormir, um dia, entre murta
Nos braços d'uma outra amante!...

Olhos de Cadiz tão pretos
(E o mar ao pé tão azul!)
Olhos de Cadiz tão pretos
De luto por Esqueletos
Que o mar traz com vento sul.

Já sorvi na minha bocca
Beijos de toda a Nação!
Já sorvi na minha bocca
Tanto mel, cabeça louca!
Mas assim como estes, não!

Menina das pandeiretas!
Que contente que hoje estaes!
Menina das pandeiretas!
Tão séria, de capas pretas,
Ao lado de vossos Paes.

Vem beber a mocidade
Com a tua trança solta.
Vem beber a mocidade
Não torna a vir esta idade
E o Amor como ella não volta.

Ó seios como pombinhos
Ó seios por quem bateis?
Ó seios como pombinhos
Tão alegres nos seus ninhos
Não sei eu, mas vós sabeis . . .

Contas de rezar

A Maria dos Prazeres
Mizericordia dos mares!
Que escrevi para tu leres,
Que eu fiz para tu rezares!

MARIA DOS PRAZERES.

ANTONIO SEM ELLES.

Maria é! Violeta da Humildade
Onda do mar das Indias! sempre triste!
Porque andarã tão triste nessa idade
Se o Deus em que ella crê para ella existe?

Maria é! Violeta da Humildade!
Onda do mar das Indias! tão modesta
E tão grande que ella é! Que dôr funesta
A faz andar tão triste nessa idade?

E eu digo ao vê-la entrar, meiga e modesta,
Na Igreja, quando ajoelha e se persigna:
«Parece incrível faça parte d'esta
Humanidade mentiroza e indigna!»

Quanto ella é Santa! quanto ella é boa!
Até tem dó e compaixão por mim...
Mal diria eu que a tragica Lisboa
Tinha em seus muros uma Santa assim!

Ella nasceu para assistir ás guerras
Ella nasceu p'ra atravessar os mares
Ella nasceu para ir a longas terras
Ella nasceu para proteger os lares!

Ella nasceu para ir com portuguezes,
Ao que a vida arriscou, sarar-lhe as feridas,
Com remedios, ao pé, mezes e mezes,
Ou dar-lhe a uncção com suas mãos compridas!

Ella nasceu para levar consigo
Um exercito leal, mystico e forte.
Ser a ultima a dobrar ante o inimigo
E a primeira a morrer, sorrindo á morte!

Ella nasceu p'ra commandar armadas
Vestir a bluzza azul dos marinheiros.
Morrer que importa? Sobre agoas salgadas
No immenso oceano não faltam coveiros!

Ella é formosa e grande entre as mulheres,
Sua doçura é toda de velludo...
Mas as respostas que dão malmequeres!
Tristes, Senhor! como na vida é tudo!

Quando ella passa toda côr de cêra,
Devagarinho e de missal na mão,
Vae tão ligeira, lembra uma galéra
Que segue viagem de vento á feição!

Os seus olhos são negros e tão bellos
Que grandes são! têm penas disfarçadas...
Que são elles? Ogivas de castellos
Com duas meninas sempre debruçadas.

O seu cabello é negro e immenso e roça
Pelo chão, como a noite e a escuridade,
Aparta-o ao meio assim... Parece Nossa
Senhora, quando tinha a sua idade!

A sua voz baixinha vem da alma,
Tudo o que ha nella é do que eu gosto mais.
É assim que falla a aragem pela calma.
Quando mareantes pedem temporaes.

Vozes assim só se ouvem no convento
Á oração em silencio habituado,
Que Deus entende a voz do Pensamento:
Póde fallar-se a Deus e estar callado!

Os seios lembram duas pombas gêmeas
No seu ninho a dormir, muito quietinhas.
Amor, protege o somno d'ellas, teme-as,
Não acordes as pombas coitadinhas!

Que dizer do seu corpo esbelto de aza!
Tão delgado, onde passa o seu anel?
É o mais lindo Torreão da sua Caza!
É uma náu da India, a *S. Gabriel*.

Os seus braços são debeis! mas exaltam
E sustentam em mim toda a Esperança!
Os seus braços, Senhor! são os que faltam
A certa Venus que se admira em França!

O seu sorriso é o sol, quando apparece,
Vêl-a sorrir é vêr o sol cantar;
Mas o seu habitual, ai não se esquece!
É o sol ás tardes quando cahe no mar...

A sua bocca é uma romã vermelha,
Mostrando em rizados os seus grãos de opala.
Favo de beijos, que dá mel á abelha,
A sua bocca é uma flôr com falla!

Lisboa, 1898.

A Ceifeira

(INCOMPLETA)

.
Porque é que te odeiam os homens se os levas

A um mundo melhor?

Ó velha hospedeira da aldeia do nada,
Tenho as malas promptas, vou breve partir.
Prepara-me um quarto na tua pousada
Que tenha a janella para o sul voltada
E fontes á roda para eu dormir...

Sensações de Baltimore

(INCOMPLETA)

Cidade triste entre as tristes,
 Oh Baltimore!
Mal eu diria que na terra existes
Cidade dos Poetas e dos Tristes,
Com teus sinos clamando «Never-more.»

Os comboios relampagos voando,
Pela cidade de Baltimore,
Levam uns sinos que de quando em quando
Ferem os ares, o coração magoando
E os sinos clamam «Never-more, never-more».

.

Baltimore, 1897.

Ao Mar

(SONETO ANTIGO)

Ó meu amigo Mar, meu companheiro
De infancia! dos meus tempos de collegio,
Quando p'ra vir nadar como um poveiro
Eu gazeava á lição do mestre-regio!

Recordas-te de mim, do Anto trigueiro?
(O contrario seria um sacrilegio)
Lembras-te ainda d'esse marinheiro
De boina e de cachimbo? Ó mar protege-o!

Que tua mão oceanica me ajude,
Leva-me sempre pelo bom caminho,
Não me faltes nas horas de afflicção.

Dá-me talento e paz, dá-me saude,
Que um dia eu possa emfim, poeta velhinho!
Trazer meus netos a beijar-te a mão...

Dispersos

1

— Soffro por ti nesta auzencia,
Tanto que não sei dizer.
— Meu Antonio! Tem paciencia!
Soffrer por mim é soffrer?

2

Ah quem me dera abraçar-te
Contra o peito, assim, assim...
Levar-me a morte e levar-te
Toda abraçadinha a mim!

3

Ai ella é tão pequenina
Que, quando ao meu collo vae,
Diz o povo: uma menina
Que vae ao collo do Pae!

4

És tão fraca, tão fraquinha,
Que, ao passar, uma andorinha
Com um simples encontrão
Podia deitar-te ao chão.

Mas também te levantava
Sem grande custo: bastava
Beijar-te (nem isso, até)
Logo te punhas em pé!

5

Espreitei á tua porta,
Quiz vêr-te a dormir, sorrindo...
Mas ai! só vendo-te morta,
Saberei como és dormindo!

6

—Dá-me um beijinho, que eu peço?
— Isso sim! — Furto-lh'ò então!
— Não que eu metto-o n'um processo
Pelo crime de ladrão!

7

O teu somno — ai que ventura
Tantos sonhos, que sei eu?
O meu é uma noite escura
Com uma *estrella* no ceu!

8

Coração, bates saudades
Saudades tão tristes são,
Lembra-me o sino ás Trindades,
O sino faz: Dlão! dlão! dlão!

9

Ai! na hora da partida,
Parte-se o coração!
Ai! como é triste a Vida!
Uns ficam... outros vão...

10

O coração apodrece,
Apodrece como o mais
Mas a dôr, ai! reverdece,
Essa não morre jamais.

11

És morena, moreninha,
Morena de andar ao sol!
No dia em que fôres minha
Como has de ser moreninha
Na brancura do lençol!

12

São as meninas da Ilha da Madeira
Ternas, graciosas, pallidas, ideaes;
Fica-se doido, vendo-se a primeira,
Doido se fica, se se veem as mais;
Qual é a mais bella da Ilha da Madeira,
Se são todas eguaes?

13

Ha um lindo logar, em Traz-os-Montes,
Com uma caza só, a caza della.
O mais é o pôr-do-sol, bouças e fontes
Que compõem a sua parentella.

Encanto de possuir uns taes parentes!
Fidalga excepcional que é a Purinha!
Que ella nas veias tem sangue dos poentes,
E os cravos brancos chamam-lhe: Priminha!

Oh que ascendencia! que familia estranha!
Onde ha fidalgos com uns taes avós?
Sois os seus Paes, pinheiros da montanha,
E assim ella é altinha como vós!

14

Amo-te toda porque és linda, linda, linda!
Teus olhos, tua voz, teu sorriso, eu sei lá!
Mas o que eu amo mais, o que amo mais ainda,
É a alminha de Deus que dentro de ti está.

15

Uma alma chega ao pé do seio da Purinha!
E bate devagar, docemente: «truz! truz!»
— Quem é? (responde lá de dentro uma vozinha)
— (Antonio...) e logo veio á porta, com a luz.

16

Mamã te chamo porque me trazes ao peito,
Filha te chamo pelo mimo que te dou,
Irmã te chamo porque te tenho respeito,
Noivinha te chamo porque teu noivo sou!

17

Na sexta-feira ás dez horas olha p'ra lua,
Que eu, tão longe, ai tão longe! hei-de olhal-a tambem:
Assim minha alma encontrar-se-á lá com a tua!
E quem se encontra, filha!, é porque se quer bem!

18


Tu és altinha como eu, embora
Eu seja um homem e tu uma criança!
Tanto que ao irmos pela estrada, agora,
Ouvi dizer: « Que lindo par de França! »

19

Teus olhos são dois ceus. E nelles leio
O que nos outros lêem os pastores:
Estrella da manhã dos meus amores!
Sete estrello que vaes do ceu em meio!

20

Ai que saudade! O amor das Extranjeiras!
Que chegam, sabe Deus d'onde e com que fito,
E um dia, lá se vão andorinhas ligeiras,
E nunca poisam, andorinhas sem Egypto!



21

No vosso leito, á cabeceira, ponde isto,
Ponde este livro ao pé do vosso coração:
Adormecei rezando a «Imitação de Christo»
E «Nun Alvares», que é de Christo a imitação.



poema, cujos fragmentos são agora publicados, não se trata de uma composição de caracter peculiarmente epico mas sim de um trabalho enormemente lyrico. Auctorisaria esta conjectura o tom superior do talento do poeta e ella é confirmada pelo que elle conseguiu a realizar da sua concepção. Assim, quanto de naturalmente historico houvesse de ser objecto da sua obra visto e tratado atravez da imaginação do auctor. Elle propunha-se não fazer não uma figura de chronica mas um typo de lenda, e o seu alvo era fazer sentir ao leitor o encanto idealista e romantico do sebastianismo, considerado como elemento de estímulo para a fé na nacionalidade e como incentivo e consolo nas esperanças e nas decepções da patria.

Pelo que ficou deprehende-se que o auctor desenhara a linha traço o programma da sua obra; mas em suas diversas partes não trabalhou com assiduidade igual. Uma leitura atenta dos fragmentos pareceu permittir coordenar-os n'uma ordem clara de successão, marcando-se com adequado signal typographico as interrupções que ahi apparecem. N'esta mesma faina foi de inestimavel valia a cooperação prestada pela benemerencia de pessoa distinctissima, a ex.^{ma} sr.^a D. Estançã da Gama, que tivera ensejo de ouvir do poeta os diversos episodios compostos, bem como a explanação genérica de sua phantasia e de seu intento.

O livro abriria, como abre, por uma dedicatória geral a *Lisboa das naus, cheia de gloria*, a qual seria seguida de uma invocação, em offerecimento, a *As Senhoras de Lisboa*, que serve de uma especie de introducção á historia de Anrique. Esta historia começa com o auctor tel-a ouvido ao mar e vem contar-a a ellas, pe-

dindo uma lagrima para os soffrimentos do seu heroe. A este apresenta-o o poeta como penando das mais amargas desilusões e possuido da triste convicção de que nada na vida o poderia abalar ainda ou commover sequer, depois de ter devaneado tanto sonho e de haver visto tantas chimeras suas cahidas por terra e murchas logo ao despertar.

Anrique enganara-se, porém; a sua alma generosa e confiante ainda haveria de vibrar muito e mui doridamente; e, nos seus primeiros versos, que não ficaram definitivamente concluidos, Antonio Nobre fazia a confidencia ás Senhoras de Lisboa do arrebatamento passional de Anrique, escarneo pelo prosaico positivismo que zomba do seu afan da gloria, como se ella fosse dote que se offercesse. A feição symbolista do poema de Antonio Nobre demonstra-se, n'este lance concepional, pela representação da Lua, imagem do quanto é vã e irrealisavel a aspiração a um alvo intangivel, sonho ineffavel desfeito em fumo.

Em Anrique se personifica a abstracção; e, abandonando seu solar portuguez, o sonhador abala-se na busca do ideal para terras de Hespanha, finalmente de França, onde vamos encontral-o em Paris, exausto e desvairado pela insatisfação d'um desejo alto e incoercivel. A Paris erroneamente se encaminhara já no fito de encontrar da sciencia transcendental o remedio occulto a males irremediaveis; e são pungentes as allusões e referencias que a todo o instante apparecem á historia propria do poeta, em sua ideação e em seu cruel soffrimento.

Em Paris recebe Anrique a hospitalidade d'um convento, onde é acolhido pelos carinhos paternos de um velho e santo monge, que, embora Anrique não lhe tenha aberto a altiva alma, tenta prescrutar-lhe a ferida, para lhe applicar salutifero balsamo.

Em uma d'essas melancholicas tardes que parece haverem exercido sobre o poeta uma mysteriosa influencia e que elle toca com um encanto vago e penetrante, o seu heroe

Anrique, que divaga, na phase mystica e exaltada em que se encontra, pelas ruas, sem proposito exacto e á mercê de mil fluctuantes pensamentos, entra, ao acaso, no templo de um convento de freiras, justamente na occasião em que ellas iam começar a entoar a sua novena da tarde. A's primeiras notas d'aquelle cantico suave, Anrique queda-se extatico, no arroubo que o trespassa e embebe, como um echo de saudade irreflectida e apaixonada. E' que em uma das frescas vozes que alli alevantavam hymnos de amor divino, Anrique julgara encontrar a reminiscencia de uma outra voz purissima, doce e harmoniosa, que deixara lá para longe, para além das seras, em Portugal, quando não fôra mais que a muito natural similhança de duas vozes meigas de rapariga.

No fremito da illusão jubilosa e magoadôra, uma excitada hallucinação o faz delirar, em lamentos onde a incoherencia da palavra é o transumpto de uma aniquiladora tristeza. Como natural reacção, logo em sua alma e de seus labios rebenta uma explosão de força e de enthusiasmo, saudando o seu amor com palavras freneticas e desvairadas, em como que parece lançar um repto e vibrar um desafio. Prestes acode o desalento final e, após consolações inuteis do bom frade, nas palavras de Anrique põe o poeta toda a resignada amargura da sua alma.

Já então de todo a chimera parisiense se diluíra. Já de todo Anrique se voltara novamente e de vez para o seu Portugal. De regresso ao reino, affoita-o o encontrar-se com a sua bem-amada; singrando vem Tejo acima a barca que o reconduz. Um ardor immenso o impulsiona e move; Anrique sauda com férvido enthusiasmo o passado heroico de Lisboa; mas a atroz realidade do presente surge perante o impeto epico como uma satyra tragica. Ao passado volve olhos cubicosos da esperança no futuro; e a compensação prophetica que se lhe desenha é-lhe figurada na vinda phantasiosa do *Desejado*, do chimerico D. Sebastião, do lendario «*Rey-Me-nino*», que foi o symbolo de todo o anhelos e de toda a fé,

que foi a encarnação ideal de todos os sonhos de imperio, de todas as aspirações messianicas do povo portuguez.

Porém, Anrique não demora muito n'este pensamento exterior; logo o preoccupa a sua torsionante crise moral; por completo o toma a ideia de que é chegado emfim á terra onde, ha tantos annos, o espera sua noiva. Então, saudaa, tambem a ella, com palavras que patenteiam a anciedade que sente de repousar afinal de suas infructuosas fadigas contemporativas.

Mas do velho solar só restam ruinas; pelo filho prodigo que volta, só aguarda a velha ama Thereza. Acorre, comtudo, o povo n'uma dura e indiscreta curiosidade; e do coração de Anrique soltam-se involuntariamente lamentos acres, pela traição d'aquella que elle amara. Ahi, elle conta, a si-mesmo alheiado, a historia da sua afflictiva agonia interior, onde mais doem na recordação as ingenuidades e os candidos embustes da quadra florente e illusionante.

Este é o episodio capital da crise subjectiva que perpassa na trama lyrica do poema de Antonio Nobre. Depois d'esta desconsoladora estada em Portugal, Anrique resolve-se a voltar a França, na saudade, agora corrosiva, do socego tumular dos claustros. Alli o esperam os resignados conselhos; alli elle se votará a uma confissão sincera e plena, embora pretenda a apparencia d'uma dignidade soberba e orgulhosa, sob a mascara d'uma indifferença gelida.

Infelizmente para as boas letras, o poeta não pôde levar a cabo o seu amplo proposito; mas para o cabal entendimento da ordenada sequencia da sua phantasia crêmos que estas linhas darão alguma luz. Assim, suspendemo-nos, anciosos de que, desprendendo-se de nossa companhia, o leitor, de per si, aprecie e encareça, com legitimos gabos, as composições que seguem, algumas das quaes, sem favôr, se podem qualificar de maravilhosamente bellas.

À LISBOA DAS NÁUS CHEIA DE GLORIA

I

Lisboa á beira-mar, cheia de vistas,
Ó Lisboa das meigas Procissões!
Ó Lisboa de Irmãs e de fadistas!
Ó Lisboa dos lyricos pregões . . .
Lisboa com o Tejo das Conquistas,
Mais os ossos provaveis de Camões!
Ó Lisboa de marmore, Lisboa!
Quem nunca te viu, não viu coisa boa . . .

II

És tu a mesma de que falla a Historia?
Eu quero ver-te, aonde é que estás, aonde?
Não sei quem és, perdi-te de memoria,
Dize-me, aonde é que o teu perfil se esconde?
Ó Lisboa das Naus, cheia de gloria,
Ó Lisboa das Chronicas, responde!
E carregadas vinham almadias
Com noz, pimenta e mais especiarias . . .

III

Ai canta, canta ao luar, minha guitarra,
 A Lisboa dos Poetas Cavalleiros!
 Galeras doidas por soltar a amarra,
 Cidade de morenos marinheiros,
 Com navios entrando e saindo a barra
 De prôa para paizes estrangeiros!
 Uns p'r'a França, acenando Adeus! Adeus!
 Outros p'r'as Indias, outros... sabe-o Deus!

IV

Ó Lisboa das ruas mysteriozas!
 Da *Triste Feia*, de *João de Deus*,
Becco da India, *Rua das Fermosas*,
Becco do Falla-Só (os versos meus...)
 E outra rua que eu sei de duas *Rozas*,
Becco do Imaginario, dos *Judeus*,
Travessa (julgo eu) *das Izabeis*,
 E outras mais que eu ignoro e vós sabeis.

V

Meiga Lisboa, mystica cidade!
 (Ao longe o sonho desse mar sem fim.)
 Que pena faz morrer na mocidade!
 Teus sinos, breve, dobrarão por mim.
 Mandae meu corpo em grande velocidade,
 Mandae meu corpo p'ra Lisboa, sim?
 Quando eu morrer (porque isto pouco dura)
 Meus Irmãos, dae-me alli a sepultura!

VI

Luar de Lisboa! aonde o ha equal no Mundo?
Lembra leite a escorrer de tetas nuas!
Luar assim tão meigo, tão profundo,
Como a cair d'um céu cheio de luas!
Não deixo de o beber nem um segundo,
Mal o vejo apontar por essas ruas...
Pregoeiro gentil lá grita a espaços:
«Vac alta a lua!» de Soares de Passos.

VII

Formosa Cintra, onde, alto, as aguias pairam,
Cintra das solidões! beijo da Terra!
Cintra dos noivos, que ao luar desvairam,
Que vão fazer o seu ninho na serra;
Cintra do Mar! Cintra de Lord Byron,
Meu nobre camarada de Inglaterra!
Cintra dos Moiros com os seus adarves,
E, ao longe, em frente, o Reyno dos Algarves!

VIII

Romantica Lisboa de Garrett!
Ó Garrett adorado das mulheres,
Hei-de ir deixar-te, em breve, o meu bilhete
Á tua linda caza dos *Prazeres*.
Mas qual seria a melhor hora, ás sete,
Garrett, para tu me receberes?
O teu porteiro disse-me, a sorrir,
Que tu passas os dias a dormir...

IX

Pois tenho pena, amigo, tenho pena;
Levanta-te d'ahi, meu dorminhoco!
Que falta fazes á Lisboa amena!
Anda vêr Portugal! parece louco...
Que patria grande! como está pequena!
E tu dormindo sempre ahi no «choco».
Ah! como tu, dorme tambem a Arte...
Pois vou-me aos toiros, que o comboio parte!

X

Ó Lisboa vermelha das toiradas!
Nadam no Ar amores e alegrias.
Vêde os Capinhas, os gentis Espadas,
Cavalleiros, fazendo cortezias...
Que graça ingenua! farpas enfeitadas!
O Povo, ao Sol, cheirando ás marezias!
Vêde a alegria que lhe vae nas almas!
Vêde a branca Rainha, dando palmas!

XI

Ó suaves mulheres do meu desejo,
Com mãos tão branças feitas p'ra caricias!
Ondinas dos Galeões! Nymphas do Tejo!
Animaeszinhos cheios de delicias...
Vosso passado quão longiquo o vejo!
Vós sois Arabes, Celtas e Phenicias!
Lisboa das Varinas e Marquezas...
Que bonitas que são as Portuguezas!

XII

Senhoras! ainda sou menino e moço,
Mas amores não tenho nem carinhos!
Vida tão triste supportar não posso:
Vós que ides á novena, aos *Inglezinhos*.
Senhoras, rezai por mim um *Padre Nosso*,
N'essa voz que tem beijos e é de arminhos.
Rezae por mim, vereis,— vossos peccados,
(Se acaso os tendes), vos serão perdoados...

XIII

Rezae, rezae, Senhoras por aquelle
Que no Mundo soffreu todas as dores!
Odios, traições, torturas,— que sabe elle!
Perigos de agoa, e ferro e fogo, horrores!
E que, hoje, aqui está, só osso e pelle,
Á espera que o enterrem entre as flores...
Ouvi: estão os sinos a tocar:
Senhoras de Lisboa! ide rezar.

ÀS SENHORAS DE LISBOA

Ainda bem, Senhor! que deste a noite ao mundo.
Gosto do sol, oh certamente! mas segundo
O meu humor. Á noite, ha esquecimento, ha paz,
De dia, apenas tenho um ou outro rapaz
Para a palestra. Ah sim! e o mar tambem ás vezes.
Mas agora (ha aqui uns tres ou quatro mezes)
Faço da noite dia. As grandes descobertas
Que eu descobri! Estou de janellas abertas
Quando os outros estão de janellas fechadas...
Ó fontes a correr como linguas de espadas,
Ó fontes a furar quaes mineiros a fragoa,
Ó fontes a rezar, como freirinhas d'agoa,
Com ladainhas na voz, de joelhos nas encostas,
E só vos falta estar, como ellas de mãos postas!
Ouvi, lá rezam: sob o céu todo estrellado,
«Padre-Nosso! que estás no céu, sanctificado...»
Noites e dias sem parar um só momento,
Só vós me ouvis, e eu só a vós e mais o vento.
Que dôr é a vossa! qual será? não sei, não sei
Chorae, fontes, chorae! Fontes correi, correi!

Agoas, só de perdão, suspiros e piedades,
Ó fontes de Belem! Ó fontes de saudades!
Conta para eu scismar, uma bonita historia
Qualquer, a que vos vier mais depressa á memoria.
Conta que eu sou ainda uma criança, gosto
Tanto de historias! pelas luas brancas de agosto!
Ó rios a contar historias, como as criadas,
Historias de ladrões, mais historias de fadas,
A do Zé do Telhado e da triste viuva
Que só sahia á rua pelas noites de chuva!
E essa (que faz chorar) de Pedro Malas Artes!
Os tristes ventos a assoprar das quatro partes:
São os ventos do sul: (cegos pedindo esmolas,
Soffrem tanto com elle!) mais o vento das Rôlas;
Mais o que vem do oeste, que abre e fecha as portas
E geme nos pinheiraes, pelas noites mortas
Erguendo as folhas seccas, cahidas pela terra.
Mais o vento do norte, o vento da Inglaterra
Que azula o céu e o rio, e deu ao mar a gloria
De levar as Naus do Gama á India da victoria.
E o mar, Senhor! o mar, ai! como chora ás Luas!
Pelos seus golphos e canaes (as suas ruas)
Sonetos de ais que só comprehende quem ama:
E de noivos a quem deu o lençol e a cama.
As descobertas dos meus Paes, dos Portuguezes:
(Pois quando está p'ra isso tambem conta ás vezes)
O mar! como elle conta ás noites tanta historia,
Contos de cavalleiros sublimes de victoria;
Contos de espadas nuas, em mãos desses guerreiros,
E contos de segredo que ouviu aos marinheiros

Lá pelas noites calmas, á luz da lua branca,
 Quando choram seus males, que só a lua estanca.
 O mar! O mar, oh sim! O mar é meu amigo.
 Quantas vezes a rir, vem conversar commigo
 N'essas noites tão longas d'infinda solidão
 Em que vela no mundo, tão só meu coração!
 Quantas vezes na hora em que dormem crianças
 E as flores dormem tambem, e dormem as esp'ranças
 Para embalar o peito de quem no mundo as tem;
 Á hora em que ha mais treva nas sombras desta terra,
 (Que tantas sombras, ai! de dia mesmo encerra.)
 Á hora em que ha mais luz no céu todo estrellado,
 Eu fico só e scismo, nas dôres do meu passado.
 E quando enfim eu choro, pensando nessas magoas
 Lá oiço a voz sublime d'aquellas grandes agoas
 Que querem vir chorar commigo e conversar.
 Historia é uma d'elle, esta que vou contar;
 Ouvi-a em alta noite escura de janeiro
 E p'ra m'a vir contar, o Mar chorou primeiro.

.
 Senhoras escutae-a! se tendes coração,
 Se daes esmola ao pobre, com vossa propria mão:
 Lembrae-vos que ouvir a voz d'uma desgraça
 Tambem é caridade, Senhoras cheias de graça!
 Dae-me um pranto vosso a este soffrimento,
 Senhoras! uma lagryma. Com ella me contento.

.

Senhora minha, perdão
Anjo do meu coração
Pois a escrever eu me affeito?
Estamos no julho, a oito
Dia de Vasco da Gama
(D'oravante assim se chama)
Ai as saudades que eu tenho!
Pois olha escrevo-te e venho
Dar-te noticias do teu
Apaixonado. Sou eu.
Anrique, pastor de ovelhas.
Tenho-as brancas e vermelhas,
Pretas, de todo o tamanho.
Tivesse-te eu no rebanho
Porém como tu ainda
Não vi nenhuma mais linda.
Eu pensei que tu amavas
O teu pastor, mas brincavas.
Mas amo-te eu, muito embora.
Não sou amado, Senhora?



— Não o és, nem nunca o has-de ser —

Pois seja o que Deus quizer!

Vou pelas serras mais altas

Mas vejo que tu me faltas

E logo fico a pensar

Que bom e triste é amar!

Um amor sem esperança

É um bem que não se alcança.

Nasci debaixo d'um signo

Que em nada me é benigno;

Já não póde ser desfeito

O que está feito, está feito.

Ai de mim! não sou amado!

Ai de mim, triste e coitado!

Fumo saindo dos cazaes

Que aspirações vós levaes!

As minhas não vão tão alto:

.....

São bem simples e modestas:

Bons dias e boas sextas!

Com mui pouco me sustento:

O amor é meu alimento.

O meu pão de cada dia,

Lagrymas, minha agoa fria,

Quem me dera andar contigo

No mar cheio de perigo!

Ir á Africa n'uma Nau

Na *San Rafael* de pau,

Como os nossos Portuguezes!

E andar por lá sete mezes,

Sete annos, ou mesmo mais
Sem medo dos temporaes!
Outros ha pior de passar...
Já tantos tive no mar
Já tantos tive na terra
Que já nenhum me faz guerra.
Nós dois sós, e porque não?
Sem maior tripulação.
Eu seria o commandante
D'aquella nau almirante!
Oh que formozas serias
Queimada das marezias!
Vestida de marinheiro
Ai sobe! sobe! gageiro
Áquelle topo real,
Diz adeus a Portugal,
Que lá nos vamos, Adeus!
E partiriamos com Deus!
Oh que viagem venturoza!
Pela Azia religioza
Mais pelas terras do sul
Com mar e ceu sempre azul!
Vêr no ceu planetas novos
Vêr pela terra outros povos,
Outras leis, novos costumes,
Capellas cheias de lumes,
Á California do Oiro
E lá achar um thesoiro.
Vêr (que isso nunca se perde)
O celebre «raio verde»

Do sol-pôr no mar da America!
Oh! a viagem chymerica!
De gatas, como as gatinhas,
.
Tu subirias aos mastros
(Tão altos que vão aos astros)
Sem receios das procellas!
E dobrarias as velas
A bujarrona, a latina.
Com tuas mãos de menina!
Oh! vem d'ahi commigo! eu parto!
Quando estivesses de quarto
A mão no leme segura
A nau iria á ventura
Ó suspiro das aragens!
Ó phantasticas miragens!
Não tenhas mêdo. Morrer
Nãõ custa nada, é viver.
Custa menos que se pensa.
O principal é ter crença.
Morre o corpo, a alma abre aza
E vae: é mudar de caza. . .
Mas nem sempre ha mares grossos
E que houvesse! Os padres nossos
Fazem muito em tua bocca.
Voz dôce acalma voz rouca!
Tu não temes temporal
És filha de Portugal!
Se morressemos, que importa!
Que bella serias morta!

Minha Senhora da Esp'rança
Já na Bemaventurança!
Ir contigo pr'o outro mundo,
E juntos para o profundo
Para esses mares salgados,
N'um abraço amortalhados!
Meu pensamento fluctua
Perdoa (lá vem a Lua)
Esta carta tão comprida!
Mas eu amo nesta vida
Duas coisas, tu primeiro
Depois o mar, sou poveiro!
Mas hoje, Senhora minha,
Sou pastor sem pastorinha,
Ainda hontem era estudante
Porque não sou navegante!
Foi sempre a minha paixão;
Era a minha vocação.
Mas a minha Mãe não quiz
Talvez fosse mais feliz.
Ah, Senhora! vou deixar-te!
Minha Mãe por toda a parte
Anrique! Anrique, onde estás?
A pregação que ella faz
Tudo por amor de ti
(E já lhe oiço a voz d'aqui)
E as ovelhas? Ai, Senhor!
Não sirvo para pastôr.
Cada uma p'ra seu lado
Não dou conta do recado.

Minha Mãe ralha que ralha
Ai, Senhor! Jezus me valha.
E adeus que me vou embora
Pois, boas noites, Senhora!
Ah! eu estou, aqui, tão bem...
E lá torna a minha Mãe
— Anrique, Anrique, onde estás?
— Onde te somes, rapaz!
Tem razão, é já tão tarde!
Na lareira o lume arde
E fuma, aceza a candeia:
Minha Mãe que faz a ceia!
Ha que tempo ella passou
Com a lenha que encontrou!
Desprezada nos caminhos...
Nós somos mui pobrezinhos!
E eu, aqui, á lua, á farta.
Prompto. Acabo, aqui, a carta.
Adeus! são horas de eu me ir
Cear, rezar... e dormir.
Nossa-Senhora me ajude!
A minha Mãe não se illude
Com toda esta demora
Ella bem sabe, Senhora!
E lá torna a Mãe: Anrique
Queres que eu me mortifique?
Anda cear, não tens fome?
Jezus! Jezus! Santo Nome!
Eu bem sei e bem no entendo.
O que são Mães! Em me vendo

Quando todo me concentro
Que trago paixão cá dentro.
Isto já ha muitos mezes.
Mas nada diz. Só ás vezes
Quando não como e me deito
Assim... a tossir do peito,
Tambem não quer ella comer
E aventura-se a dizer :
«Amores — filho, paixões
Só trazem consumições»
E assim é, assim, Mãesinha!
Pois adeus, Senhora minha!

.

Vae alta a Lua branca, serena, silenciosa
Da luz dos Boulevards, fugindo desdenhoza.
É a hora em que Paris começa a louca vida
Na tragica cidade ao sol adormecida.
Ó Paris de Baudelaire! Paris da minha penna
Que em tempos já molhei nas agoas do teu Sena
Que mysterios eu leio, Paris, no teu folgar!
Que mysterios eu vejo, passando os Boulevards!
Ó vêde a pallidez da luz d'aquelle gaz,
Vêde a côr mortuaria, que aos rostos elle traz!
Olhae p'r'as criancinhas que passam sob a chuva;
Olhae p'r'o pranto facil dos olhos da viuva
Que pede aqui cantando, e canta ali chorando,
E assim de pranto e riso seu pão vae amassando;
Ó Paris de Verlaine e poetas sonhadores!
Mais de mendigos ricos, de fidalgos salteadores;
Paris que me acolheste n'agreste mocidade
Eu não te amo não, mas dou-te uma saudade.
Senhoras, como o Sena vae triste, amarellento,
Turvado pelas rugas sulcadas pelo vento.

Não vejo aqui, Senhoras, a luz do vosso Tejo
 Nem vejo o céu azul, Senhoras!... mas eu vejo
 Uns olhos fitos n'agoa... uns olhos luzitanos,
 Que pela luz que tem não contam muitos annos.

E a lua que anda fugida, lá pelo céu profundo
 Deixou cahir no rio, o seu retrato, ao fundo.

.....

Senhoras, Anrique ouvira a voz d'uma das freiras
 E quando no adro branco, as notas derradeiras
 Perderam-se voando, julgou n'um som dorido
 Reconhecer a voz do seu amor perdido!

São sonhos de poeta; mas sonhos como lyrios
 Tão brancos como elles... vermelhos nos martyrios!

.....

Vinde d'ahi, Senhoras, commigo quereis ouvir?
 Ingenuo é o seu cantar... talvez vos faça rir!

«Vi-te ha pouco rezando nas novenas
 Ai tão linda, tão pallida, meu Deus!
 Quaes são as tuas dôres, as tuas penas,
 Por quem levantas tuas mãos aos céus!

«Cantae, ó freiras Benedictinas,
 Cantae, cantae,
 Cantae novenas, cantae matinas,
 Cantae, cantae.



«No Boul'Mich, os castanheiros da India
Começam a despir as folhagens, ao luar,
Que bellas armações, para galeras da India
Se ainda houvesse Indias, neste mundo, a conquistar!

«Tudo tão triste! todos tão tristes!
Olhae, são poucas todas cautelas
Doentes do peito, cuidado, ouvistes?
Tirae do armario vossas flannels!

«Cantae o canto Gregoriano
Para eu chorar!...
Cantae ó freiras! durante um anno
Para eu... chorar!...

«Andam meus olhos luzitanos
A procurar-te,
Minha chymera! tenho vinte annos!
Eu quero amar-te!

«Ó sinos de toda a França
Cantae, cantae o meu mal,
Tão alto, essa voz não cança,
Que ella os oiça em Portugal!

«Cantae o canto Gregoriano
Para eu chorar!...
Cantae ó freiras durante um anno
Para eu... chorar!...»

.

Morrera já o Sol; os altos castanheiros
Choravam á voz do vento, quaes lugubres tropeiros,
Os choupos retorciam os troncos já despidos,
Parecendo erguer ao céu seus braços resequidos,
Ao darem as «Trindades» no claustro, de mansinho,
Fugiu um bando d'aves pousadas no caminho.
A cruz meio inclinada parecia desmaiar
Perdida na côr pallida da luz crepuscular;
Eram mysterios da hora nervoza da tardinha
Em que s'adeanta a morte, e treme a alma minha!
A hora em que perdido do Lar, dos meus Irmãos,
Scismando no meu Lar, eu junto as frias mãos;
A hora em que o traidor por mais que faça esforços
Não póde em si calar o susto dos remorsos;
A hora em que se acende o lume nas lareiras
E ladram cães ao longe, em véla pelas eiras;
A hora em que entristece na rua o caminhante,
E pára vendo o Sol cahir agonisante;
E as raparigas trémulas se vão fechar as portas,
Ouvindo ao longe as rãs, gritar em agoas-mortas!

Ó Senhora d'altas Esphas!
Castellã das minhas chymeras!
Ó meu amor!
Amor mystico, amor celeste
Que tu pelo Natal me déste,
Senhor! Senhor!

Sou forte agora, e temerozo,
Sou um rei Todo Poderozo
Senão olhae!
Só diante de ti me humilho
Senhor! Senhor! Sou teu filho
E tu meu Pae!

Venham armadas de Inglaterra
Venham as naus de toda a terra,
De todo o mar!
Que eu só por entre ellas e o Oceano,
Na minha nau a todo o panno,
Hei-de passar!

Venha o exercito da Allemanha,
Mais seus alliados, mais a Hespanha,
 Hei-de vencer!
Tu és grande, és forte, Guilherme!
Tu és um mundo, eu sou um verme...
 Vamos a vêr!

Venha uma immensa tempestade,
Caiam raios sobre a cidade,
 Venham trovões!
Que eu irei só para as janellas,
Sem Santa-Barbara, sem velas,
 Sem orações!

Soldados de Alsacia e Lorena!
(A bella França assim m'õ ordena)
 Vamos! Então?
Atirae balas aos meus peitos,
Que eu apanho-as, como confeitos,
 Na minha mão!

Venham Philosophos, Douctores,
Venha Spinoza, outros maiores,
 Gregos, Judeus;
Venham Estoicos, Pessimistas,
Cynicos, os Positivistas...
 Eu creio em Deus!

Ó morte, minha amiga de outr'ora
Que fazes ahi, ha mais d'uma hora!
 Queres-me? Ah sim?
Cortei as relações contigo
Ó vae-te! já não sou teu amigo,
 Nem tu de mim!

Ó Luiz de Camões e da Esperança!
Ao pé de ti sou uma criança,
 Mas ouve cá.
Vamos cantar ao desafio,
Á sua janella, sobre o rio,
 Vêr qual mais dá...

Ó tropeiros de toda a parte
D. Pedro!, D. Diniz!, D. Duarte!
 O que sois vós?
Minha lyra é do seu cabelo,
E os meus versos, quereis sabel-o?
 São a sua voz!

Ó vento cantante do Norte!
Minha lyra agreste é mais forte
 Do que a tua!
Vinde todos, tropeiros do ar,
Em desafio commigo a cantar
 Por essa rua!

.....

Vem entrando a barra a galera «Maria»
Que vem de tão longe e tão linda que vem!
Toca em terra o sino p'ra missa do dia
Em frente, em Santa Maria de Belem!

Mareantes trigueiros no alto dos mastros,
Ai dobram as velas não são mais precisas!
Ai que lindas eram, ás luas e aos astros!
Que doidas, aos ventos! que meigas, ás brizas!

Desdobra as amarras! apresta a fateixa!
Pois todos em breve a nau vão deixar;
Ó terra! Que saudade a de quem te deixa
Ó terra! pela aventura do alto mar!

Entra o piloto e abraçam-se estes e aquelles.
Abraçam-se e riem tanto á vontade...
Abraços que levam almas dentro d'elles,
Sorrizos de boccas que fallam verdade!

Só as intende (capitães, não as sentís)
Quem, algum dia, passou as agoas salgadas
Quem, um dia, as passou n'uma hora infeliz
Quem, um dia, as passou, com as fronte curvadas.

E «Maria» vae indo pelo Tejo acima,
E scisma Anrique: «Que lindo Portugal!»
Vem as nymphas, vae uma dá-lhe uma rima,
Vae outra (gostam d'elle) e vae faz-lhe um signal.

E Anrique scisma: «Quem não te viu ainda!
Ó minha Lisboa de marmore! Lisboa
De ruinas e de glorias! Tu és linda
Entre as cidades mais lindas, ó Lisboa!»

Ó minha Lisboa! com oiros tão constantes
Pelas serras e céus e pelo rio! Com seus
Jeronymos dos Poetas e Mareantes!
Lisboa branca de João de Deus!

I

Ó Lisboa! n'um seculo bem perto
Quando a Africa e as Azias se mostrarem
Civilizadas, sem um só deserto,
E as esquadras do mundo inteiro entrarem
N'aquelle Tejo sobre o mundo aberto,
Para dos grandes ventos descansarem,
Ó Lisboa (não são glorias chymericas)
Voltada sobre as Azias e as Americas!

II

Porque é que Deus aqui te poz á entrada
Senão para destinos imperiaes?
Do mar da India a viração salgada
Respiral-a tu, antes dos mais.
A vêr és tu, primeira, a alvorada
E a ultima o sol nos fins occidentaes.
Lisboa! quando eras pequenina
Houve uma fada que te leu a sina?

III

O que já foste tu, n'outras idades
Grande e famoza acima das Nações,
Tu de novo o serás, porque as cidades
Têm varias mortes e resurreições,
Outras infancias, novas mocidades,
Novas conquistas, outros galeões...
Ó coragens, ó coleras, tormentos,
Trovões, Indias, relampagos e ventos!

IV

Velha Lisboa, minha mae-madrinha!
Tu voltarás a ser o que já foste,
E não, não cuides que é illusão minha,
Pois nenhuma já tenho a que me encoste!
Não sei quê dentro em mim m'ò adivinha
Não sei que voz m'ò diz de que eu mais goste.
E bem no sabes de bem longe: os Poetas
Náo se enganam — são bruxos, são Prophetas!

V

Lá onde escôa o Tejo, os Esculptores
De entre a agoa erguerão altos heroes
Poetas, Santos e Navegadores:
Nun'Alvares sorrindo aos seus does-does,
Feridas de Astros! admiraveis flôres!
(Com auroras e poentes como os soes...)
Luiz de Souza, scismatico, e Frei Gil,
Pedr'Alvares, a mão para o Brazil!...

VI

Vasco da Gama a apontar lá para onde
Nasce o sol, terra da sua India amada,
Outro a olhar lá, onde o sol se esconde,
Camões olhando triste a onda salgada;
Mas a onda passa, passa e não responde...
Que a leva o fado, vae muito apressada...
Todos tão vivos, os heroes colossos,
Que dir-se-ia que têm sangue e ossos.

VII

E do seu forte, S. Julião, em summa,
Sobre toda esta gloria e esta magoa,
Luas conta a desfiar uma por uma,
(Ondas do mar) Salve Rainhas d'agoa
E Ave Marias, de doirada espuma...
E os outros, no deserto d'essa fragoa
Pela noite o acompanham; e assim
Rezam todos por seculos sem fim.

VIII

Eu confio em ti reza d'Heroes,
E confiar em ti, não é vaidade.
Vossos nomes de bronze são pharoes
Que luz darão, á nossa tempestade.
O nosso Rey... (cabello em caracoés!)
Já não dorme no Paço... Piedade!
Deixareis a Patria engrandecida
Por vossas mãos p'ra sempre ser vencida?

IX

Côr do ceu a bandeira e côr de neve
Não a vejo na torre a fluctuar!
Senhor! Vós bem sabeis que o Rey não deve
Outras armas que a vossa apresentar.
Se assim deixaes que outro povo a leve,
Porque a déste ao nosso p'ra guardar?
Não é elle o mesmo que em Ourique
A acclamou nas mãos do teu Henrique?

X

Anda tudo tão triste em Portugal!
Que é dos sonhos de gloria e d'ambição?
Quantas flores do nosso laranjal
Eu irei vêr cahidas pelo chão!
Meus irmãos Portuguezes, fazeis mal
De ter ainda no peito um coração.
Talvez só eu! (Amôr ai tu m'entendes!)
Possa ainda ter a paz que já não tendes.

XI

Talvez só eu irmãos! mas é que a mim
Deve o Senhor as flores com que s'enfeita
A mocidade!... que é d'elle o meu jardim!
Dizei-me vós irmãos, na vida estreita
Toda a desgraça não terá um fim?
Se a ventura não pôde ser perfeita
Tenho agora a Patria em sepultura!
Que mais quereis na taça d'amargura?

XII

Virá, um dia, carregado de oiros,
Marfins e pratas que do céu herdou,
O rei menino que se foi aos moiros
Que foi aos moiros e ainda não voltou.
Tem olhos verdes e cabellos loiros,
Ah não se enganem, (ainda não chegou)
Virá El-Rey-Menino do Estrangeiro,
N'uma certa manhã de nevoeiro...

XIII

Tem loiros os cabellos, e é criança,
Tem olhos verdes de luar nocturno:
Olhos verdes, são olhos de esperança!
Olhos verdes, são Luas de Saturno!
Veio da Africa mais a sua lança
Vae pr'o mundo, rezando taciturno.
Tão pobrezinho, olhae! estende a mão:
«Quem dá esmola a D. Sebastião?»

XIV

Esperae, esperae, ó Portuguezes!
Que elle ha-de vir, um dia! Esperae.
Para os mortos os seculos são mezes,
Ou menos que isso, nem um dia, um ai.
Tende paciencia! finarão revezes;
E até lá, Portuguezes! trabalhae.
Que El-Rey-Menino não tarda a surgir,
Que elle ha-de vir, ha-de vir, ha-de vir!

Lá vem, lá vem minha Amada,
Rainha de Portugal.
Vem com a capa estrellada,
Debaixo d'um palio real
Todo de seda vermelha .
Com saias de oiro e coral.
Vê o povo que ajoelha
E faz o «pelo signal!»

Que linda é! que formosa!
Que graça ella tem a andar!
Pagens vestidos de roza
Vão á frente a encaminhar,
Tirando as pedras da rua
Não vá ella tropeçar,
Tão leve, parece a Lua,
Tão leve que vae no ar!

Vinde vêr, vinde ás janellas,
 Meninas de Portugal!
 Deixae o bordado, as telas,
 Deixae a agulha e dedal.
 Não temaes a feia inveja
 Vinde vêl-a cada qual.
 E que em honra d'ella seja
 Esta noite o arraial.



Sua belleza é tamanha
 Que pertence a Portugal.
 Como obra de arte, extranha,
 É um poema, é uma cathedral.
 Aos Luziadas semelhante,
 Aos Jeronymos igual,
 Onde os poetas e o mareante
 Dormem o somno final!

Nem Mafra com seu convento
 Tem maior a altivez

 Não se esquece, visto uma vez!
 Seu corpo é uma obra de graça
 E de que suave pallidez!
 A minha amada é a Alcobaça
 Onde jaz a linda Ignez!

É fidalga de nascença,
 Mais do que os Reis, do que vós.
 Já poetas na Renascença
 Cantaram seus bisavós.
 Mas mais fidalga é ella ainda
 Por sua alma (sem Avós).
 Ah! lá vem ella tão linda
 E vem rezando por nós!

A minha Amada é fidalga
 Que tem no mar seus brazões.
 Tem na bocca aromas de alga
 Brizas da India e outras regiões,
 O que prova d'onde vejo
 Já no tempo de Camões
 Era sobrinha do Tejo
 E prima dos Galeões!

É toda de cazos bellos
 A tua nobreza fina,
 Toda torres e castellos
 Com legendas de menina.
 Excedes Reis e Prophetas

 Menos os Santos e Poetas
 Que têm costella divina!

— Quatorze luas já foram passadas,
Desde que eu a perdi e ao seu amor;
Meu coração tem ainda as janellas fechadas,
Ainda vestem de lucto os meus criados, Senhor.

O POVO

Chymeras tombadas! Chymeras tombadas!

— A sorte deu-me já cabellos pretos
Ai não preciso de os enluctar.
— «Mas olhe as brancas... meu senhor»
O branco é lucto, podes, Ama, descançar!

O COVEIRO

O branco é lucto: são brancos os esqueletos!

— Ó illuzões que em ti puz tão amigas!
Oh! a esperança que em minha alma é morta!
Antes eu te visse cobertinha de bexigas
Ou em farrapos, a pedir, de porta em porta...

TODOS

Antes a visses morta!
Antes a visses morta!

— Dei-te o meu coração a ti, bella entre todas,
 Coração, que a ninguem ainda se dobrara,
 Chego do mar, venho assistir ás tuas bodas,
 Ah! no mar salgado, porque não ficára.

UM PASTOR

Toca a noivado em Santa Clara
 Dobra a defuntos tres legoas em roda!

— Fugiu-me a minha amada e com ella a fortuna,
 Meu Lar por terra! sem ninguem na multidão.
 Fiquei na vida só, como o Conde de Luna,
 Mais sua espada. Ai do meu pobre coração!

(Meu coração calla-te ou falla baixo: massa
 Os mais a nossa dôr. Sim calla-te é melhor)
 A procissão das Dôres em mim sinto que passa
 E passa... e passa... e cada vez será pior.

THEREZA

Não que o fim d'uma desgraça
 E' o começo d'outra maior!

— Parti um dia, n'uma romagem,
 Levando a Esponja, o Fel, a Cruz!
 Regresso altivo d'essa viagem
 Feliz, anciozo, (E nunca o suppuz)

THEREZA

Senhor Douctor, tenha coragem
 Olhe que mais soffreu Jesus.

—E que vejo eu, Senhor! O meu prato sem sopa,
 Meu Lar em pó, o amor d'ella já não é o meu.
 Minhas camizas, hoje, são de estopa,
 Foram de seda... Que vejo eu!

OS VIZINHOS

Foste á pandega por essa Europa,
 Ahí tens o pago que o Senhor te deu!

O mundo deu-me cabellos pretos
 Ai não preciso de os enluctar!

 E mais em breve porque vou cegar...

UM CEGO

A Anrique ceguinho dirão
 Olhe não vá tropeçar...

—Amar a ella e d'ella ser amado,
 Ir em breve pedir a sua mão!
 E de repente tudo escangalhado!
 Ai que desgraça! como os outros são!

THEREZA

E que menino tão estimado!
 E tudo n'elle é perfeição!

— «Anrique meu amor, filho de Porto-Calle!»
Me dizia ella... Ai do meu coração!
Amor já me não tem, não ha já Portugal...
E que vejo, Senhor! de ruinas pelo chão!

OS MENDIGOS

Tantos vadios sem nada na mão
Sempre á espera de D. Sebastião.

— Ó D. Sebastião a ti comparo,
El-Rey de Portugal, a minha sorte,
Se te encontrasse na vida, serias meu amparo,
Ser-m'o-has talvez depois da morte.

D. Sebastião, rey dos desgraçados,
D. Sebastião, rey dos vencidos,
El-Rey dos que amam sem ser amados
El-Rey dos genios incomprehendidos.

Sahi, um dia, a barra á procura da gloria,
 Entre soluços e orações, cuja memoria
 Me faz tremer. (Ah foi n'uma tarde d'outomno,
 Que linda! O mar espreguiçava-se com somno...)
 Por essa barra sahem, cheios de peccados,
 Bandidos com seus crimes e mais os degredados.
 Traidores á Patria e ao Rey, infelizes e ladrões.
 Por lá sahiu, tambem, n'uma noite, Camões.
 No barco em que segui viagem nessa agoa,
 Levava aos hombros um bahú cheio de Magoa
 E mais um sacco de Dôr que por lá me ficou.
 De volta trago tres, que aquelle não chegou.
 Os Homens conheci n'essa jornada pelo mundo.
 Não lhes quero mal, seu erro é tão profundo!

.

Todos partiram, todos fugiram.
 Os ladrões assaltaram-me á estrada
 Quizeram-me matar. Não conseguiram.

Ninguem me resta, não me resta nada!
 Fui enganado nos meus leaes amores.
 Já tive de salvar a minha vida á espada.

No meu jardim semiei lilazes,
Passado tempo vi nascer ortigas;
Cada dia que nova dôr me trazes?

Lavrei canduras e colhi intrigas,
Nasceram odios onde puz perdões.
Não digas mais meu coração! não digas

Procreei gigantes vi nascer anões,
Plantei nesta alma vinhas da piedade
E vindimei, Senhor! Ingratidões!

Nunca se deve ter tanta bondade,
Quando é excessiva e tanto dó inspira
E uma falta até de dignidade.

Ora eu assim cercado de mentira,
Longe de tudo e todos, e enganado
(Quando se foi tão criança o que admira!)

Vi-me sem Deus, só, triste e em tal estado
Que se o contasse chorarieis... Não!
Não falta em que empregar pranto salgado.

Que infortunio, meu Deus! que decepção!
Minha crença catholica perdi-a,
Já não sei persignar-me com a mão.

Durante mezes, sempre, dia a dia,
Ainda fui, por habito, á Igreja:
Não sabia rezar a Ave-Maria!

Chegava ainda até «bem dita sejas...»
E ao vêr a Virgem d'olhos sobre mim
Córava de pudor como as cerejas.

Nunca na Terra se viu nada assim!
Minha vida mudou-se de repente.
A tosse veio... vós sabeis o fim.

Foi a queda do Imperio do Occidente!
Foi o desastre de Alcacer-Kibir!
A Hespanha veio com Philippe á frente!

Que mais viria e estava para vir?
E fui a França consultar um Bruxo
Que eu já de ha muito desejava ouvir.

Á porta havia uma cruz de hera e buxo
E ao centro, no jardim, d'entre uma fragoa,
Erguia-se em girandola um repuxo.

Bolas de sabugueiro á mercê da agoa
Iam e vinham, graças de meninos,
Ascensões de prazer quedas de mágoa!

Era a sorte a brincar com os destinos...
Não deixava de ter engenho o dianho
Do Bruxo! Mas que symbolos tão finos!

Entrei. E vi um Velho alto, tamanho,
De barbas brancas a tocar-lhe os joelhos.
— Sois vós o Bruxo? — «Sim! esse é o meu ganho!»

Tinha um sorriso que só têm os velhos.
E os labios brancos (de quem já não ama)
Que contrastavam com os meus, vermelhos.

— Venho de longe, aqui, por vossa fama.
Vosso nome chegou ao meu paiz.
— O teu paiz, Senhor! como se chama?

Não: dá-me a mão, ella melhor m'ò diz:
«Oh vens de Portugal? Oh se o conheço!
Manda-me para cá muito infeliz...»

Ouvindo taes palavras, estremeço.
N'elle fixo os meus olhos de admirado
E que me diga os fados eu lhe peço.

Sombrio, o Bruxo assenta-se, callado,
N'uma cadeira antiga, ao pé do lume.
Eu assentei-me timido, ao seu lado.

Ó momento que um seculo resume!
Ó São Paulo do Amôr! Martyr christão,
Que ao vêr a espada já lhe sente o gume!

Na sua mão tomou a minha mão.
Seus olhos frios crava-mos na palma,
Mas de repente muda de expressão.

Que passado, Senhor! tem dó d'esta alma!
Catastrophes! Naufragios! tantos perigos!...
Mas eu logo acudi, com grande calma:

—Basta. Deixae-me em paz o tempo antigo.
Eu conhecia-o já antes de vós.
P'ra que lembrar-m'o? Sêde meu amigo!

N'uma sala contigua, etherea voz
Rezava a ladainha, eram mulheres.
—«*Estrella da manhã!*—*ora por nós!*»

—«Nada te digo, pois que assim o queres!
Ouves? Lá dentro, rezam minhas filhas.
E rezarão o tempo que quizeres.»

E continuou a lêr: «Que maravilhas!
Que mão extranha! mão de tempestade!
Mares, golfos, canaes, cabos e ilhas!

Vaes em meio da tua mocidade.
Tens vindo em tua nau, desde criança,
Por um sombrio mar da antiguidade.

Agora, aqui, o temporal descança
E vê: segundo a altura do quadrante
Dobras o Cabo da Boa-Esperança!

Coragem! meu sombrio navegante!
Paciencia! mais um pouco e aportarás
Á India! mais tua esquadra de almirante!

Alli, te aguardam Bens te espera a Paz
A boa Gloria e mais do que isso, até,
Um grande amor, — e alli te coroarás!»

O Velho disse. E, logo, puz-me em pé.
Mui feliz, não querendo ouvir o resto,
Que eu sei o vasio que este mundo é.

Adeus! disse eu áquelle sabio honesto,
Formozo e de olhos grandes como ceus!
Adeus! e parti logo, altivo e presto.

Caía o sol no oceano. Orei a Deus.
Uma nau me esperava... Erguemos ferro
E abalamo-nos de França. Adeus! Adeus!

Que peccado Senhor! ou grande erro
No mundo commetti que me dás tantos
Trabalhos, como na Africa em desterro?

Não posso ser bem sabes como os Santos.
Mas quantos homens neste mundo avisto
Tão felizes (e maus!) quantos e quantos!

E se não fui eu que pequei, ó Christo!
Peccariam os meus antepassados?
Quem foram elles? Vem contar-me isto!

Religiosos, maritimos, soldados?
E justas são as leis com que me aterra
Sendo elles os unicos culpados?

Na Arabia, na Phenicia ou outras terras
Cauzaram, vae em seculos, paixões
Fomes e sedes, ou atearam guerras?

Comeu a terra os ossos d'esses leões,
As suas cinzas foram-se nos ventos
E eu soffro, apoz quinhentas gerações?

Que injusta couza! que desleaes tormentos!
Que faz rezar, á noite, de mãos postas,
De que serve cumprir teus mandamentos?!

Quem sabe se não foram meus avós,
Senhor! Que tanto e tanto te offenderam,
Mas meus archi-primeiros bisavós?

Quando os vulcões da terra arrefeceram,
E lentamente, aos poucos, e as primeiras
Efflorescências da vida appareceram;

Talvez, que um tigre eu fosse, que nas carreiras
E uivando, á lua, e destruísse as mattas
Que levaste a criar noites inteiras!

Talvez, no dia em que baixaste
Á terra, para ver a tua obra
Vestido d'alvas vestes como pratas,

Fosse eu, cobarde! a pequenina cobra
Occulta entre jasmins que te mordeu...
Quando ias a colher algum... de sobra!

Outr'ora o sol ardia no alto céu,
Pediste sombra á arvore n'um monte
Que ergueu a rama e essa arvore... era eu!

Quando o sol caía, á tarde, no horisonte,
Todo vermelho como agora, vêde!
Sequiozo, ias beber a agoa da fonte,

E eu (que era agoa) não quiz matar-te a sede!
Quem sabe se uma vez, pela noitinha,
Foste ensaiar o mar, deitando a rede,

E cobiçou o peixe que lá vinha
E t'a furtou, (brinquedos de criança!)
Alguma onda do mar, minha avósinha?

Mas mesmo assim, Senhor! Senhor d'esp'rança!
Como devo soffrer perseguições?
(Eu concordo) é legitima vingança?

Ah não! eu não descendo de leões
Nem da vil cobra que se vae de rastros,
Que só concebe e dá á luz traições!

Nem dos pinheiros altos como mastros
Nem das agoas que vão regando os milhos:
Nós os poetas descendemos de astros,

Nós os poetas, Senhor! somos teus filhos!
... Assim scismava eu pelo mar alto
Sob o luar partindo-se em vidrilhos...

Quando n'uma manhã de azul cobalto,
Ao acordar, me vi no claro Tejo
Orei a Deus. E logo sahi d'um salto.

Mezes passaram, longos! que nem vejo
Que diferença em seculos, ou mezes:
O tempo marca-o a ancia do Desejo!

Que fazia eu? Nada. Scismava, ás vezes,
Errante, ao «Deus-dará» da vida:
Sempre assim fomos nós, os Portuguezes!

Ora em dia de Santa Aparecida
(Mais uns minutos, esperae, Senhores,
Que eu acabo esta historia tão comprida),

Errava n'um montado entre pastores
Quando, subito, vi uma Donzella
Tão linda! n'um Solar, colhendo flôres.

Oh doçura de carne ou de estrella!
Que esvelteza e que graça de alfenim!
Meu coração disse-me baixo: «É ella!»

Qual de vós, Homens! Já não teve assim
Uma vizão, vendo erguer-se entre
Nuvens, a vossa torre de marfim?

Deixae que a minha alma se concentre.
Deixae! que esse dia é maior que quando
Minha Maesinha me pariu do ventre.

Quedei-me, ao vê-la, em extasis olhando.
Dobrarão-se-me os joelhos e ajoelhei;
Meus lábios moviam-se... rezando!

Quem será ella? a filha d'algum Rey?
Atraz seguiam-na duas aias velhas:
Quem será ella, quem será? Não sei.

Era em Agosto. O sol ardia. Abelhas
Voavam, ao sol, enquanto ella lia
Um livro de horas com folhas vermelhas.

Que paz! nem uma arvore bulia!
E callavam-se as fontes! Que doçura!
Mas de repente uma voz chamou: «Maria!»

Maria se chamava! Oh que ventura!
Partiu. Eu quiz segui-la, mas não pude!
Que torpor esse que ainda hoje dura!

A virgem me proteja e Deus me ajude!
Vae alta a noite, eu caio de fadiga,
Bambas as cordas do meu velho alaúde!

Ó Genio, não te partas sem que eu diga
O encanto, mais a graça encantadora
D'aquella virgem Castellã antiga.

Minha frente vergou-se, scismadora :
— Quem será ella, mystica vizão !
Parece com seu Ar Nossa Senhora !

Mas eu já tive tanta decepção
(Lêde, lêde, o principio d'esta historia)
Que contive essa subita paixão.

Tudo na Vida engana, até a Gloria.
Para deixar de o crêr fôra preciso
Lavar no Lethes minha fiel memoria.

Assim pensava eu, meio indecizo,
Quando na estrada junto a mim passava
Um velhinho a rezar ao Paraizo.

N'um cajado de lodo se apoiava.
E detinha-se, ás vezes, um momento,
Erguia ao céu o olhar, e suspirava.

As barbas brancas, fluctuando ao vento;
Devia ter um seculo de idade
E talvez vinte ou mais de soffrimento !

Parou ao vêr-me e olhou-me com bondade:
Depois na sua voz meiga de briza:
— Uma esmola, Senhor, por caridade!

Uma lembrança dentro em mim se enraiza.
—Dou-te, bom velho! tudo que quizeres,
Se em troca me dás vestes e camiza.

O velhinho sorriu como as mulheres.
A quinzena me deu, e eu dei-lhe a minha,
Que na botoeira tinha malmequeres...

Ninguém a essa hora pela estrada vinha.
Tudo despiu, me deu: fiquei perfeito.
E eu dei-lhe em troca tudo quanto tinha.

Mas não estava ainda satisfeito,
As suas barbas brancas eu queria,
Comprar-lh'as era falta de respeito!

Comprar-lh'as nunca eu me atreveria!
Mas o bom velho o pensamento ouviu,
Que aquelle olhar excepcional ouvia.

Ó grandes barbas! que ainda ninguém viu!
Ó grandes barbas! como eram bellas!
Tal como outr'ora as de D. João, em Diu!

— Não lh'as vendo, Senhor! mas dou-lh'as, quel-as?
Ó povo portuguez! quanto és sympathico!
Ó povo portuguez das caravellas!

Cortou-as. Deu-m'as. Eu fiquei extactico.
Beijei-lhe as mãos curvado... E o bom velhinho
Lá se foi, a scismar... tossindo... asthmatico...

O sol cahia ao longe no caminho!
Não tarda a noite, já lhe sinto os passos,
Mas ha tempo: ella anda devagarinho.

Enfarpellei sem grandes embaraços;
A toilette tem poucos elementos,
Muitos remendos sim, rotos os braços...

Perdia-se o velho, ao longe, em passos lentos;
«Que nome tens, amigo?» lhe gritei.
«Manoel». E digo eu, «dos Soffrimentos».

Cahia a noite: com pressa caminhava.
Segui os passos deixados por Maria
Que flôres na mão, andando, desfolhava.

Não era aviso que assim daria?
O meu olhar teria percebido?
Que luz d'esperança a minha alma via!

Entrei no pateo, Senhores! Mas que atrevido
Irão achar o pobre esfarrapado!
Um mendigo velho... e tão mal vestido!

Pedi esmola e parei sobresaltado.
 Enquanto alguns me enchiam a saccola
 Um olhar lindo em mim era fixado.

E que olhar p'ra mim! tanta doçura evola!
 Senhores, eu não me tinha enganado...
 (Assim julguei então... a Vida foi-me escola!...)

Ella passou, de manso, para o meu lado
 E murmurou o meu nome, assim, baixinho...
 Disse-me depois que o houvera sonhado!

THEREZA

— «E depois, menino, sabemos já o resto...
 Para que mortifica assim o coração?»

— Ai minha Thereza! tu tens talvez razão:
 Esse amor primeiro foi-me tão funesto!

Ó os meus dias idos em contemplação!
 Ó os meus loucos sonhos que d'ahi eu trouxe!
 Fallava eu ás flôres, como se ella fosse:
 «Maria» eu lhes chamava, cego de paixão.

Hei-de gravar-te em bronze e tornar-te immortal!
 Eu hei-de lançar o teu nome aos quatro ventos!
 Eu, o humilde Snr. Manoel dos Soffrimentos,
 Eu, por graça de Deus, poeta de Portugal.

— Quem é, Thereza? quem é, Thereza?
Não ouves passos, que vão pela serra
Não ouves gritos, quem é, Thereza?
— É D. Sebastião que vae para a guerra.

.
.

Por uma tarde de chuvinha miuda e vento,
D'estas tardes, meu Deus! que fojem os paquetes,
E a chuva tomba sem parar um só momento,
A chuva que parece de pontas de alfinetes,

Por uma tarde triste assim, é que Anrique
Partiu. De novo abandonou o seu solar.
Da sua aldeia os pobres pedem-lhe que fique,
E Thereza bem faz também pelo guardar.

Por uma tarde de chuvinha miuda e vento,
Anrique foi bater á porta d'um convento.
Bateu á porta, um Frade veio-lhe fallar.
«Que desejaes, Irmão»? e respondeu: «Entrar».

Frades! meus Frades! ai abri-me a porta!
Abri-me a porta, que eu pretendo entrar.
Eu trago a alma toda ferida, morta,
Só vós, Fradinhos, m'a podeis curar!

Ha quantos annos vós estaes fechados
N'estas muralhas de granito e cal!
Ah se soubesseis, Frades corcovados!
O que vae lá por fóra, em Portugal!

.....

Anrique, até que enfim cedes ás magoas!
Até que enfim eu vejo-te chorar!
Chorae, chorae, ó longos fios de agoas!
Ó olhos grandes como os globos do Ar!

Ah chora Anrique, chora nos meus braços
O moço Poeta que te está a cantar!
Choremos entre beijos, entre abraços,
Tambem eu choro por te vêr chorar!

Ah chora Anrique, chora, não te escondas!
Tens pudor que te venham encontrar?
Choram os cannaviaes, choram as ondas,
Só os cynicos não podem chorar!...

Ah chora, Anrique, chora no meu peito,
Assim baixinho, lento, devagar!
Custa-te muito? não estás affeito!
Chora, meu filho, que é tão bom chorar!

Anrique ouve-me bem, minha criança!
Nem tudo se perdeu com o teu Lar.
Ainda tens na vida uma esperança...
Meu pobre Anrique, és tão lindo a chorar!

Teu coração está morto, bem morto.
Nada no mundo o poderá salvar.
Ah! moço que tu és, que desconforto!
Tens razão, oh se tens! para chorar!

Tens razão, Anrique; mas no emtanto,
Quem soffreu como tu sem descançar,
Anrique, ou dá n'um cynico, ou n'um santo:
Não és cynico, não, sabes chorar.

Ouve-me, Anrique: n'esses céus existe
Um homem, Pae da Terra e mais do Mar,
Que fez o Mundo (por signal tão triste)
E os olhos, não p'ra o vêr, mas p'ra chorar.

Vá! offerece-lhe a tua mocidade.
Vá! vae soffrer por elle e trabalhar.
Ah bem sei que custa tanto, n'essa idade...
Mas que has-de tu fazer? Chorar? Chorar?

Não tens na vida uma alma amiga
(Tu bem no sabes) para te amparar.
Só eu, embora curvo de fadiga,
Tenho paciência p'ra te ouvir chorar !

Todos os mais, malvados e egoistas,
(Que tudo a Deus, um dia, hão de pagar)
Não te poriam nem sequer a vista,
Fugiriam, ao verem-te chorar !

A adversidade é uma maravilha
Que certas almas sabem respeitar,
Mas aos olhos dos mais a dôr humilha...
Ah quanto é grande vêr um rei chorar !

Ah pensa, pensa bem na tua sorte,
Cautela, Anrique, nada de brincar.
Ha outros males piores do que a morte,
Cautela, Anrique, vamos trabalhar.

Vae trabalhar por Deus.— «Mas como e aonde?
Não vos disse que morto é Portugal?
P'r'o trabalho quem antes era conde!»—
—Ai meu Anrique, não te fica mal!

Não me dizes que lá por Portugal
Andam as almas todas quebrantadas?
Vae, meu filho, vae para Portugal
Vae levantar as flores, já tão quebradas.

Anda, meu filho: vae dizer baixinho
A esse povo do Mar, que é teu irmão,
Que não fraqueje nunca no caminho,
Que espere em pé o seu D. Sebastião.

Anrique, vae gritar por essa rua
— Virá um dia o «Sempre-Desejado»!
Deu a vida por vós, Tu, dá-lhe a tua,
Esquece n'elle todo o teu passado.

Procura bem Anrique, em Portugal;
Procura-o na flôr das primaveras,
Procura-o na sombra do olival;
Procura á luz de todas as chymeras...

.
.

INDICE

	Pag.
Prefacio	5
I — Sonetos :	
1 a 25	3 a 27
II. — Outras Poesias :	
Eu chegára de França	31
Ladainha da Suissa	33
Confissão d'uma rapariga feia	37
Afirmações religiosas	39
Ares da Andaluzia	41
Contas de rezar	45
A Ceifeira	50
Sensações de Baltimore	51
Ao Mar.	52
Dispersos	53
III. — O Desejado.	61

*Acabou de se imprimir este livro
aos dezoito de março de 1902,
segundo anniversario da
morte do Poeta*